



TRADIÇÃO



TRADIÇÃO

MANGUEADA

A palavra *tradição*, significa – Memória, lembrança de fatos antigos transmitida de geração em geração, também podemos dizer que é – o hoje, estrivado no ontem, recludando o amanhã.

A palavra *tradicional* significa – Costumeiro, antigo, fundamentado na tradição e conservado pela narração de pais para filhos.

A palavra *Tradicionalidade*, significa – Caráter do que é tradicional; antiguidade confirmada pela tradição;

A palavra *Tradicionalismo*, significa – Apego, acatamento aos costumes, crenças, usos e hábitos antigos. É a doutrina que dá grande valor ao que é aceito e consagrada pela tradição dos antigos, rejeitando as inovações e modernismos.

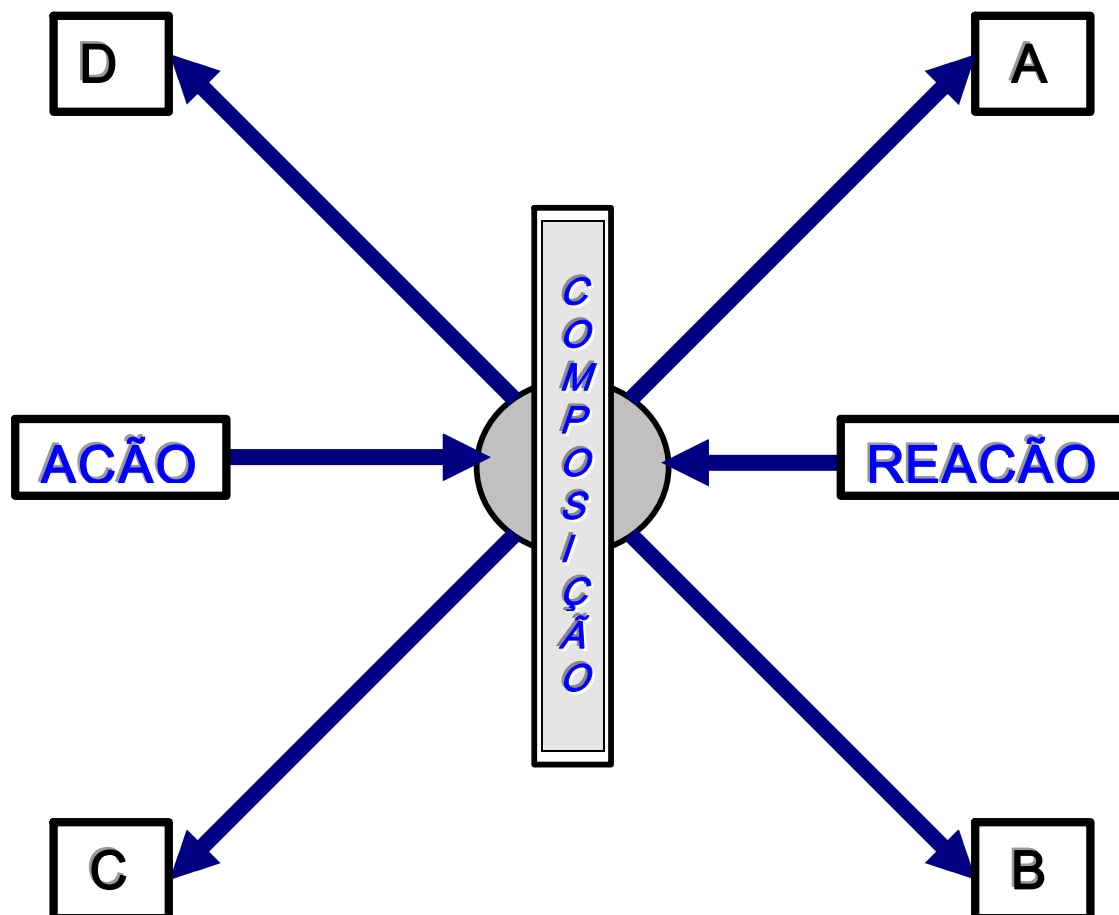
A palavra *Tradicionalista*, significa – Adepto do tradicionalismo; pessoa apegada aos usos e costumes antigos, que não admite inovações e modernismos.

A palavra *Tradicionário*, significa – Vivente Tradicional; pessoa que vive segundo a tradição.



MANGUEIO

Toda ação, recebe uma reação, que geralmente resulta numa composição ou mais precisamente, redonda numa Deriva.

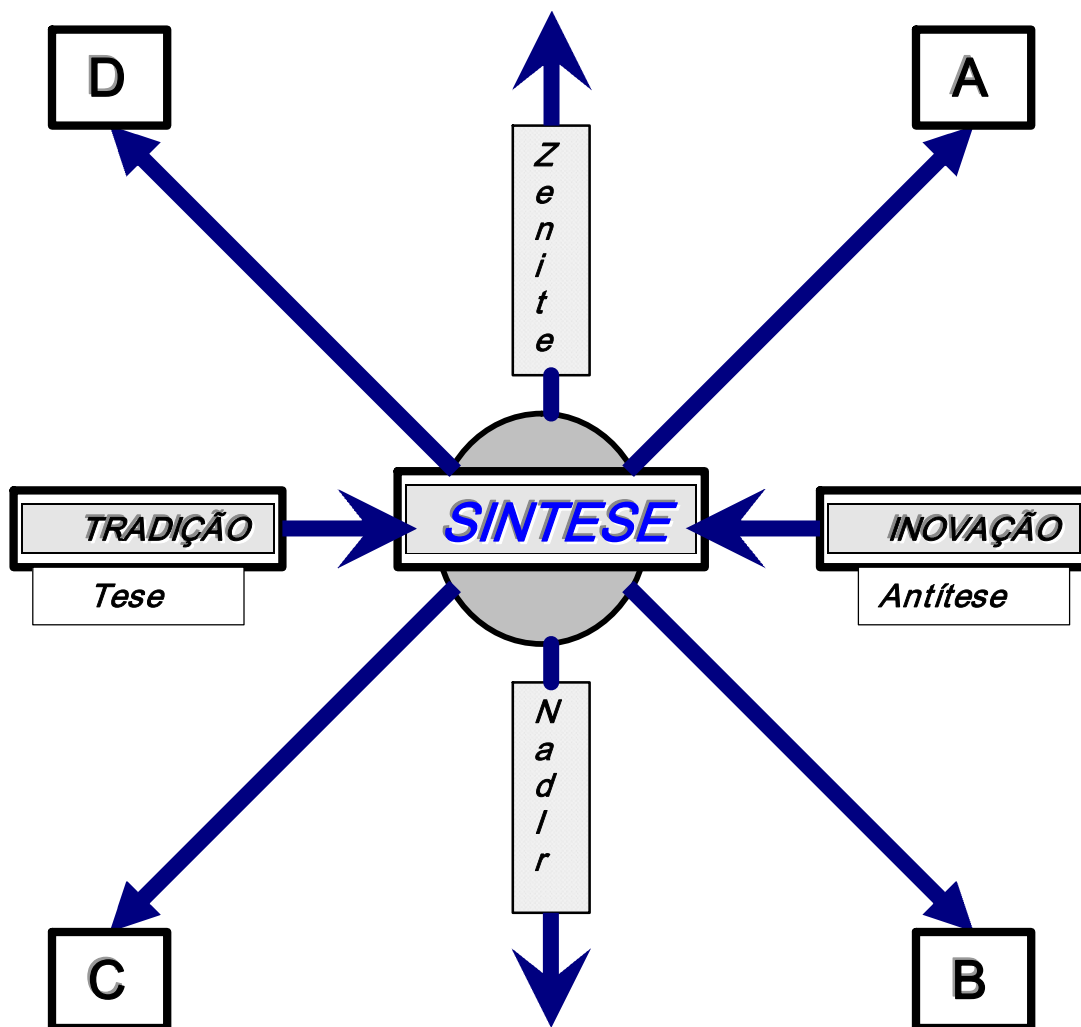


DERIVA *A – Ação vencedora positiva;*
B – Ação vencedora negativa;
C – Reação vencedora negativa;
D – Reação vencedora positiva.



FUNDAMENTAÇÃO

Toda Ação é uma *Tese*;
Toda Reação é um *Antítese*;
Toda Composição é uma Síntese que redonda numa *Deriva* e que segue uma *Variante*.



SÍNTESE A – Tradicional - Tradicionário
 B – Tradicionalismo - Tradicionalista
 C – Inovacionismo - Inovacionista
 D – Inovacional - Inovador



O TRIPÉ DA TRADIÇÃO GAÚCHA

A tradição gaúcha é apoiada no tripé legendário de nosso pavilhão tricolor, qual seja:

- LIBERDADE – Queremos ser livres, para buscarmos a igualdade entre nossos irmãos;
- IGUALDADE – Queremos ser tratados como os demais estados da federação brasileira, sem distinção;
- HUMANIDADE – Queremos ser aceitos na fraternidade brasileira, como seres humanos e sem menosprezo, porque estamos aquerenciados no garrão da pátria.

OS QUATRO COSTADOS DA “TRADIÇÃO GAÚCHA” .

A tradição gaúcha possui quatro costados que encerram a princípio da sociedade sul-riograndense antiga e também da ¹hodierna como segue:

- HONRADEZ – Honestidade, dignidade, amor próprio; de honra.
 - Honra - 1 Sentimento que leva o homem a procurar merecer e manter a consideração pública. 2 Pundonor. 3 Consideração ou homenagem à virtude, ao talento, às boas qualidades humanas. 4 Probidade. 5 Fama, glória. 6 Celebridade. 7 Pessoa que por talento ou virtudes ilustra a classe, a instituição, o país a que pertence.
 - Honrado - 1 Que tem honra. 2 Honesto, probo.
 - Honrador - 1 Que, aquele que ou aquilo que honra. 2 Que cumpre com a palavra; 3 Que torna como própria da sua dignidade o cumprimento de atos e ações; 4 Aquele que dá honorificência a alguma coisa.
 - Honradouro - 1 Que enobrece; 2 Que glorifica; 3 Que confere honras.
 - Honramento - 1 Ação ou efeito de honrar. 2 Privilégio, senhorio, isenção devida a lugar honrado.
 - Honrar - 1 Conferir honras a. 2 Dignificar, distinguir, penhorar. 3 Alcançar honra ou distinção. 4 Exaltar, glorificar. 5 Exaltar-se, enobrecer-se, lisonjear-se, ufanar-se. 6 Reverenciar, tratar com respeito, venerar. 7 Não desmerecer de
 - Honraria - 1 Graça ou mercê que nobilita. 2 Concessão de mercês honoríficas. 3 Dignidade ou importância de um cargo. 4 Distinção. *sf pl* Honras, mercês honoríficas.
- EMPENHO – Garantia.



- **Empenhar** - 1 Dar de penhor ou como garantia; empenhorar. 2 Hipotecar. 3 Empregar com desvelo: *Empenhar esforços e sacrifícios*. 4 Fazer diligência, pôr empenho em alguma coisa: *Empenhar-se em perder o vício*. 5 Contrair dívidas, dando penhor ou hipoteca.
- **Empenhar-se** - 1 Diligenciar; 2 Dedicar-se com afincos a alguma cousa.
- **HOSPITALIDADE** - Ato de hospedar. Qualidade de hospitaleiro. Bom acolhimento dispensado a alguém. 4 Agasalho dado a hóspedes.
- **Hospitaleiro** - 1 Que, ou o que dá hospedagem por generosidade ou bondade.
- **FIDALGUIA** - Classe dos fidalgos. Qualidade de quem é fidalgo. Ação própria de fidalgo. Generosidade, nobreza de caráter.
- **Fidalgo** - Da expressão *filho de algo*; 1 Homem nobre, por descendência ou por mercê régia. 2 Aquele que se veste bem e vive dos seus rendimentos, sem trabalhar.
- **Fidalgo de meia tigela** – Fidalgos de segunda classe; Os nobres distinguiram-se entre – *Fidalgos de uma tigela* (de linhagem limpa) e *fidalgos de meia-tigela* (de linhagem maculada). Os primeiros tinham direito a uma tigela completa de aveia ou de trigo. Já os segundos, tinha direito a apenas meia tigela. Daqui a criação da expressão depreciativa de meia tigela, que se aplica a todas as classes e profissões de pouca qualidade. Por exemplo : Médico de meia tigela, tradicionalista de meia tigela etc.
- **Fidalgo de quatro costados** – Era os Fidalgos, cujo avós paternos e maternos, eram fidalgos. Os quatro avós representavam os quatro costados. Daqui a expressão ainda hoje vigente: De quatro costados, isto é realmente, verdadeiramente. Gaúcho de quatro costados... tradicionalista de quatro costados.
- **Fidalgoso** – Em que há fidalguia, nobreza, distinção.
- **Fidalgote** - Fidalgo de títulos de nobreza duvidosos, de pouca nomeada e geralmente de poucos haveres.
- **Fidalgueiro** – 1 Próprio de fidalgo. 2 Que, ou aquele que procura e freqüenta o convívio de fidalgos.
- **Fidalguesco** – Quer ser fidalgo e não é.
- **Fidalgote** – Depreciativo de fidalgo.
- **Fidalgice** – Ostentação irreal, tola e boba ou lacaia.

Então se diz que : ***O GAÚCHO HONRA A PALAVRA EMPENHADA, É HOSPITALEIRO E FIDALGO.***



HISTÓRIA

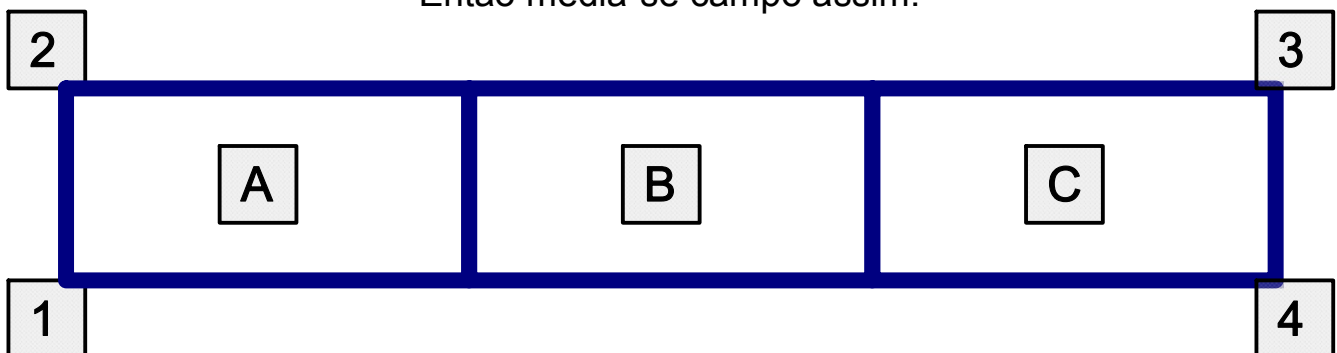
Depois que Portugal e Espanha assinaram o tratado de Madrid (13/01/1750), o Rio Grande de São Pedro sofreu diversas invasões dos castelhanos. Nessas refregas, os gaúchos sul-riograndenses eram recompensados após as vitórias ou derrotas, com *sesmarias* de campo... que deram origens as *estâncias*... que deram origens as *idades*... que deram origens as *fazendas*.

→ → →
SEMARIAS **ESTÂNCIAS** **CIDADES** **FAZENDAS**
Ou
SESMEIROS / ESTANCIEIROS / CIDADÃOS URABANOS / RURALISTAS

TRADICIONAL

Naqueles tempos bicudos media-se campo pelo relógio e a cavalo, porque não havia agrimensor suficiente para tal. Uma sesmaria de campo são três léguas quadradas (6.600 metros por 19.800 metros) ou 13.068 hectares. Um cavalo bom de trote, troteia campo a fora uma légua por hora.

Então media-se campo assim:



Escolhia-se um ponto de partida (foz de um arroio junto a um rio) seria o nr. 1. Tropeava-se uma hora no sentido da sombra (o que dava uma légua) e chegava-se ao ponto nr. 2. Dava-se um fôlego, dobrava-se num ângulo de 90° para direita (digamos) e tropeava-se três horas (que dava três léguas) e chegava-se ao ponto nr 3. Dobrava-se novamente a direita e tropeava-se uma hora (que dava um légua) e chegava-se ao ponto 4. Dava-se um fôlego, dobrava-se novamente a direita e tropeava-se três horas e chegava-se ao ponto nr.1. Então o ponto de partida , isso hipoteticamente e estava demarcada a *sesmaria*.



Uma *sesmaria* é formada por três léguas de campo (A+B+C) ou, três *estâncias* de 4356 hectares (50 quadras de sesmaria) cada, que totalizam 13.038 hectares (150 quadras de sesmarias). Na verdade é um enorme *latifúndio* e mil difícil de administrar, por isso, há uma certa norma de subdivisões como segue:

Sesmaria é dividida em *Estâncias*;
Estâncias é dividida em *Fazendas*;
Fazendas é dividida em *Invernadas*.

HIERARQUIA

A sesmaria recebia uma denominação (geralmente se um santo) que é o patrono. O dono da sesmaria chama-se *sesmeiro*.

A estância recebe uma denominação (geralmente toponímica ou de árvore nativa). O dono da estância é o *estancieiro*.

A fazenda recebe uma denominação alhures (de alguma parte). O dono da fazenda é o *fazendeiro*.

Em qualquer das três alternativas acima (sesmeiro, estancieiro ou fazendeiro) o dono é denominado de *patrão*.

O patrão se assessorava de um *Capataz-geral* que controle os demais capatazes.

O Capataz controla os *Posteiros* que controlam os *Peões* e os *Agregados* (Domador, Alambrador...).

ANALOGIA

Por comparação o MTG é o Rio Grande do Sul, como se fosse a sesmaria. Cada uma das 30 regiões tradicionalistas são como se fossem estâncias (com seus municípios). Cada CTG (entidades) são como se fossem fazendas subdivididas em invernadas (departamentos).



CONCLUSÃO

O presidente do MTG é o *sesmeiro*. O coordenador regional é o *estancieiro*. O *patrão* de uma entidade é a maior autoridade da casa, seguido do *capataz-geral*, seguido dos demais *capatazes* (se for o caso), auxiliados pelos *sotas* (1º e 2º) e pelos *agregados-da-guaiaca* (1º e 2º). Segue-se os *posteiros* e os *peões*.

Ainda existem os conselheiros que são os *caudilhos* e todo o ex-patrão é *membro-nato* do conselho.



LEI ESTADUAL DA PILCHA GAÚCHA

Dep. Algir Lorenzon

Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.

LEI Nº 8.813, DE 10 DE JANEIRO DE 1989.

Oficializa como traje de honra e de uso preferencial no Rio Grande do Sul, para ambos os sexos, a indumentária denominada “PILCHA GAÚCHA”.

DEPUTADO ALGIR LORENZON, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no § 5º do artigo 37 da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa decretou e eu promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º - É oficializado como traje de honra e de uso preferencial no Rio Grande do Sul, para ambos os sexos, a indumentária denominada “PILCHA GAÚCHA”.

Parágrafo único - Será considerada “Pilcha Gaúcha” somente aquela que, com autenticidade, reproduza com elegância, a sobriedade da nossa indumentária histórica, conforme os ditames e as diretrizes traçadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Art. 2º - A “Pilcha Gaúcha” poderá substituir o traje convencional em todos os atos oficiais, públicos ou privados, realizados no Rio Grande do Sul.

Art. 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO,
em Porto Alegre, 10 de janeiro de 1989.



INTRODUÇÃO

A autêntica cultura do povo e suas expressões estão alicerçadas em tradições, em conhecimentos obtidos pela convivência em grupo, somadas aos elementos históricos e sociológicos. Seus legados e sua tradição, entre eles o seu modo de vestir, são transportados para as gerações seguintes, sujeitos a mudanças próprias de cada época e circunstância.

O homem do Rio Grande do Sul adaptou suas vestimentas baseado nas suas necessidades e no seu tipo de vida. Fica claro que os trajes, no decorrer da história, aceitam os processos de modernização e de transformação que uma cultura possa ter. A cultura é viva e, enquanto viva, ela se modifica. Essas modificações, legaram ao gaúcho além de uma herança, beleza e identidade. Se os costumes são constantemente alterados no decorrer da história, nada mais claro de que os trajes também tenham tido uma modificação, mantendo, no entanto, a sua raiz.

Este trabalho, tem como principal objetivo demonstrar como se deu a evolução da nossa Indumentária Gaúcha. Quando da realização desta pesquisa, me deparei com várias publicações sobre indumentária, de vários autores, como Antônio Augusto Fagundes, Vera Záttera, Paixão Côrtes e Edison Acri, que mostravam visões um pouco diferenciadas.



A EVOLUÇÃO DA INDUMENTÁRIA GAÚCHA

OS QUATRO TRAJES FUNDAMENTAIS:

Se formos dividir a história da indumentária gaúcha, veremos que ela se dá em 4 partes, e a cada uma delas corresponde uma indumentária feminina:

- 1 - Chiripá primitivo;
- 2 - Braga;
- 3 - Chiripá farroupilha;
- 4 - Bombacha.



TRAJE INDÍGENA - 1620 À 1730

TRAJE INDÍGENA



Índio e Índia Gaúchos

<http://www.cfh.ufsc.br/~andrei/indio2.html>

Quando o homem que veio fazer a América - e se vestia à européia - aqui chegou encontrou, nos campos, índios missioneiros e índios cavaleiros.



Índios Missioneiros: (Tapes, Gês-guaranizados) - constituíam a matéria-prima trabalhada pelos padres jesuítas dos Sete Povos.

Os Missioneiros se vestiam, conforme severa moral jesuítica. Passaram a usar os calções europeus e em seguida a camisa, introduzida nas missões pelo Padre Antônio Sepp.

Usavam, ainda, uma peça de indumentária não europeia, proximamente indígena - "el poncho" - isto é, o pala bichará. Essa peça de indumentária não existia no Rio Grande do Sul antes da chegada do branco, pois os nossos índios pré-missioneiros não teciam e nem fiavam.

Os Padres descobriram a atração que as vestes religiosas e as fardas militares exerciam sobre os índios e distribuíram essas roupas entre eles. Assim, figurar o Alferes Real Sepé Tiarayu, desnudo ou vestindo chiripá, é erro grosseiro. Ele usaria a farda correspondente ao seu alto grau militar, ou vestiria-se civilmente, com bragas, camisa e poncho.

A mulher missioneira, usava o "tipoy", que era um longo vestido formado por dois panos costurados entre si, deixando sem costurar, apenas duas aberturas para os braços e uma para o pescoço. Na cintura, usavam uma espécie de cordão, chamado "chumbé". O "tipoy" era feito de algodão esbranquiçado, mas em seguida se tornava avermelhado com o pó das Missões. Em ocasiões festivas, a índia missioneira gostava de usar um alvo "tipoy" de linho sobre o de uso diário. Apenas nas vestes religiosas, sobretudo nas procissões, as índias usavam mantos de cores dramáticas, como o roxo e o negro.

Índios cavaleiros: (Mbaias: Charruas, Minuanos, Yarós, etc): eram assim chamados porque prontamente se adonaram do cavalo trazido pelo branco, desenvolvendo uma surpreendente técnica de amestramento e equitação.



Usavam duas peças de indumentária absolutamente originais: o "chiripá" e o "cayapi".

O chiripá era uma espécie de saia, constituída por um retângulo de pano enrolado na cintura, até os joelhos. O cayapi dos minuanos era um couro de boi, inteiro e bem sovado (que se usava às costas) com o pêlo para dentro e carnal para fora, pintado de listras verticais e horizontais, em cinza e ocre. À noite, servia de cama, estirado no chão. Os charruas o chamavam de "quillapi" e "toropi".

A mulher, entre os índios cavaleiros, usava apenas o chiripá. No rosto, pintura ritual de passagem, assinalando a entrada na puberdade. No pescoço, colares de contas ou dentes de feras.

De peças da indumentária ibérica, de peças da indumentária indígena e tantas outras, o gaúcho foi constituindo sua própria indumentária.



TRAJE GAÚCHO - 1730 À 1820

PEÃO

Pés descalços ou botas de garrão abertas na frente e amarradas abaixo dos joelhos com tiras de couro ou de lã. Esporas, ceroulas por dentro das botas ou as pernas nuas. Chiripá-saia e cinturão de couro sobre a faixa de tecido. Boleadeiras e pistola presas na cintura. Faca às costas, junto aos rins. Camisa com mangas amplas. Colete e poncho bichará. Na cabeça, os cabelos longos são amarrados por tira de couro ou lenço à marinheira. Usa o chapéu de palha ou de feltro.

MULHER RURAL

Usa a saia rodada de tecido de lã leve e camisa longa de algodão, ou ainda o vestido de indiana. Pés descalços. Flores ou fitas nos cabelos longos e trançados, ou ainda, um lenço na cabeça amarrado abaixo do queixo



Peão das Vacarias e China das Vacarias

ESTANCIEIRO

Meias e ceroulas de crivos ou de rendas. Botas fortes ou de garrão e esporas de prata. Calções desabotoados abaixo dos joelhos, gibão de veludo ou lã com botões de moedas de prata. Colete de seda ou de algodão acabada por rendas. Lenço pequeno no colarinho. À cintura, leva o cinturão sobre a faixa,



bem como a pistola. Na mão, o chicote tipo arreador e na cabeça, o lenço à marinheira e o chapéu de feltro de copa alta e barbicacho de seda. No ombro, o pala de seda ou de lã leve de vicunha.

ESTANCIEIRA

Sapatos e meias de seda, anáguas e corpete. Vestido de seda ou de algodão, com corte abaixo do busto. Leque e lenço na mão e jóias em excesso. Agasalha-se com capote ou xale. Na cabeça, os cabelos longos são presos com fitas e flores.



Patrão das Vacarias e estancieira.

PATRÃO DAS VACARIAS E ESTANCIEIRA GAÚCHA

O primeiro caudilho riograndense, tinha mais dinheiro e se vestia melhor. Foi o primeiro estancieiro. Trajava-se basicamente à européia, com a braga e as ceroulas de crivo. Passou a usar também a bota de garrão de potro, invenção gauchesca típica. Igualmente o cinturão-guaiaca, o lenço de pescoço, o pala indígena, a tira de pano prendendo os cabelos, o chapéu de pança de burro, etc.



A mulher desse rico estancieiro, usava botinhas fechadas, meias brancas ou de cor, longos vestidos de seda ou veludo, botinhas fechadas, mantilha, chale ou sobrepeliz, grande travessa prendendo os cabelos enrolados e o infalável leque.

PEÃO DAS VACARIAS E CHINA DAS VACARIAS

O traje do peão das vacarias destinava-se a proteger o usuário e a não atrapalhar a sua atividade - caçar o gado e cavalgar. Normalmente, este gaúcho só usava o chiripá primitivo (pano enrolado como saia, até os joelhos, meio aberto na frente, para facilitar a equitação e mesmo o caminhar do homem) e um pala enfiado na cabeça. O chiripá, em pouco tempo, assumia uma cor indistinta de múgria - cor de esfregão. À cintura, faixa larga, negra, ou cinturão de bolsas, tipo guaiaca, adaptado para levar moedas, palhas e fumo e, mais tarde, cédulas, relógio e até pistola. Ainda à cintura, as infaláveis armas desse homem: as boleadeiras, a faca flamenga ou a adaga e, mais raramente, o facão. E sempre à mão, a lança - de peleia ou de trabalho. Camisa, quando contava com uma, era de algodão branco ou riscado, sem botões, apenas com cadarços nos punhos, com gola imensa e mangas largas. Pala, não faltava, comumente, o de lã - chamado "bichará"- em cores naturais, e mais raramente o de algodão e o de seda que aos poucos vão aparecendo. Logo, também surge o poncho redondo, de cor azul e forrado de baeta vermelha.

Pala: tem origem indígena. Pode ser de lã ou algodão, quando protege contra o frio, ou de seda, quando protege contra o calor. É sempre retangular com franjas nos quatro lados. A gola do pala é um simples talho, por onde o homem enfia o pescoço.



Poncho: Tem origem inteiramente gauchesca. É feito, invariavelmente, de lã grossa. Quase sempre é azul escuro, forrado de baeta vermelha, mas também existem de outras combinações de cores. O poncho tem a forma circular ou ovalada. Só protege contra o frio e a chuva. A gola é alta, abotoada e há um peitilho na frente do poncho.

As botas mais comuns eram as de garrão-de-potro, que eram retiradas de vacas, burros e éguas (raramente era usado o couro de potro, que lhe deu o nome). Essas botas eram lonqueadas ou perdiam o pêlo com o uso. Em uso, as botas não duravam mais de 2 meses. Normalmente, eram feitas com o couro das pernas traseiras do animal que dão botas maiores. As que eram tiradas das patas dianteiras, muitas vezes eram cortadas na ponta e no calcanhar, ficando o usuário com os dedos do pé e o calcanhar de fora. Acima da barriga da perna, era ajustada por meio de tranças ou tentos.

As esporas mais comuns nessa época eram as nazarenas (européias) e as chilenas (americanas). As nazarenas tem esse nome devido aos seus espinhos pontudos, que lembram os cravos que martirizaram Nosso Senhor. As chilenas, devem seu nome à semelhança com as esporas do "huaso", do Chile. Aos poucos, os ferreiros da época começaram a criar novos tipos de esporas.

O peão das vacarias não era de muito luxo. Só usava ceroulas de crivo nas aglomerações urbanas. Ademais, andava de pernas nuas como os índios. À cabeça, usava a fita dos índios, prendendo os cabelos - que os platinos chamam "vincha" - e também o lenço, como touca, atado à nuca.

O chapéu, quando usava, era de palha (mais comum), e de feltro, (mais raro), e talvez o de couro cru, chamado de "pança-de-burro", feito com um retalho circular da barriga do muar, moldado na cabeça de um palanque. O chapéu,



qualquer que fosse o feitio, era preso com barbicacho sob o queixo ou nariz. Esse barbicacho era normalmente trançado em delicados tentos de couro cru, tirados de lonca, ou então, eram simples cordões de seda, torcidas, terminando em borlas que caía para o lado direito. Mais raramente, era feito de sola e fivela.

Ainda nesta época, aparece o "cingidor", que é o nosso tirador.

A mulher vestia-se pobremente: nada mais que uma saia comprida, rodada, de cor escura e blusa clara ou desbotada com o tempo. Pés e pernas descobertas, na maioria das vezes. Por baixo, apenas usava bombachinhas, que eram as calças femininas da época.

TRAJE GAÚCHO - 1820 - 1865

PEÃO

Botas fortes ou de garrão, ceroulas de franjas, chiripá-fralda, faixa na cintura e cinturão com bolsos. Camisa branca, colete de algodão ou seda, gibão e lenço no pescoço ou na cabeça. Poncho " pátria ", forrado de vermelho e faca. Chapéu, tirador e laço. Esporas de ferro ou prata.

MULHER RURAL

Blusa de mangas com acabamento em rendas, saia longa e rodada complementada com casaquinho cortado à cintura de tecido leve. Travessas ou flores no cabelo preso. Usa, mais tarde, a sombrinha. A saia tem em sua barra um babado franzido ou de pregas.



Gaúcho Farroupilha e Mulher Gaúcha

CHIRIPÁ FARROUPILHA E SAIA E CASAQUINHO

Este período é dominado por um chiripá que substituiu o anterior, que não é adequado à equitação, mas para o homem que anda a pé. O chiripá dessa nova fase é em forma de grande fralda, passada por entre as pernas. Este adapta-se bem ao ato de cavalgar e essa é certamente a explicação para o



seu aparecimento. Com isto, fica claro que o Chiripá Primitivo era de origem indígena. Já o Chiripá Farroupilha é inteiramente gaúcho. Esse é um traje muito funcional, nem muito curto, nem muito comprido, tendo o joelho por limite, ao cobrí-lo.

As esporas deste período são as chilenas, as nazarenas e os novos tipos inventados pelos ferreiros da campanha. As botas são, ainda, a bota forte, comum, a bota russilhona e a bota de garrão, inteira ou de meio pé. As ceroulas são enfiadas no cano da bota ou, quando por fora, mostram nas extremidades, crivos, rendas e franjas. À cintura, faixa preta e guaiaca, de uma ou duas fivelas. Camisa sem botões, de gola, e mangas largas. Usavam jaleco, de lã ou mesmo veludo, e às vezes, a jaqueta, com gola e manga de casaco, terminando na cintura, fechado à frente por grandes botões ou moedas. No pescoço, lenço de seda, nas cores mais populares, vermelho ou branco. Porém, muitas vezes, o lenço adotado tinha outras cores e padronagens. Em caso de luto, usava-se o lenço preto. Com luto aliviado, preto com "petit-pois", carijó ou xadrez de preto e branco. Aos ombros, pala, bichará ou poncho. Na cabeça usavam a fita dos índios ou o lenço amarrado à pirata e, se for o caso, chapéu de feltro, com aba estreita e copa alta ou chapéu de palha, sempre preso com barbicacho.

A mulher, nesta época, usava saia e casaquinho com discretas rendas e enfeites. Tinham as pernas cobertas com meias, salvo na intimidade do lar. Usavam cabelo solto ou trançado, para as solteiras e em coque para as senhoras. Os sapatos eram fechados e discretos. Como jóias apenas um camafeu ou broche. Ao pescoço vinha muitas vezes o fichú (triângulo de seda ou crochê, com as pontas fechados por um broche). Este foi o traje usado pelas ricas e pobres desta época.



ESTANCIEIRO OU CHARQUEADOR

Botas russilhonas levantadas e calças por dentro das botas, sendo esta com recorte triangular na braguilha. Faixa na cintura e cinturão com enfeites de moedas. Camisa de algodão ou seda branca com rendas. Gravata de seda tipo tope, colete de seda ou algodão transpassado e gibão de veludo ou lã com botões em prata. Na cabeça, leva o chapéu de copa alta. Nas costas, junto com os rins, a faca, e na mão o chicote tipo arreador. Junto às botas as esporas de prata.

MULHER

Vestido longo de seda ou veludo, com corte na cintura. Decote mais ou menos amplo com o colo à mostra. Mangas bufantes até o cotovelo e justas até o pulso. Broche no pescoço e brincos. Cabelos presos com travessas ou flores. Leque na mão. Quando ao ar livre, usa chapéu com laços de fitas e penas de avestruz. Mantilha sobre o coque quando vai à igreja ou sobre os ombros quando ao ar livre.



Gaúcho Charqueador e Estancieira



TRAJE GAÚCHO - 1865 A 1950

HOMEM DA CAMPANHA

Bombachas e botas fortes. Colete e paletó. Camisa e lenço brancos e cinturão sobre a faixa. Chapéu de feltro e pala. Esporas de prata e chicote.

A GAÚCHA

Do início do século usa a saia e blusa ou vestido. A saia muitas vezes é estampada em tecido leve. Seu corte determina, às vezes, um babado ou pregas no final da mesma e esta é menos rodada do que na época anterior. A blusa tem mangas bufantes até o cotovelo ou são retas até o punho. A frente da blusa é enfeitada de babadinhos ou rendas ou como acabamento leva um fichu. A silhueta é marcada por um cinto bem apertado. Seus acessórios são a sombrinha ou o leque, os brincos e a corrente de ouro ou o broche. Calça botinhas ou sapatos fechados. Além da saia ou blusa, a nova gaúcha não deixa de usar a saia e o casaquinho que muito a caracterizam na época anterior.



Gaúcho fazendeiro e Mulher rural

O PEÃO

Bombachas de favos ou pregas, alpargatas ou botas fortes e chapéu ou boina, camisa listrada ou xadrez, jaqueta de brim ou lã, guaiaca e poncho. O lenço no pescoço, a faixa e o colete aparecem vez por outra. Usa a faca e a



chaira. Não raras vezes, vê-se o peão calçando chinelos-de-dedo, galocha ou o chinelo de couro. Suas esporas, quando as têm, são de ferro.

1950 ATÉ NOSSOS DIAS

A PRENDA

Vestido de prenda com saia rodada e babados, ambos de tecidos de algodão, com estampado miúdo, de broderie ou de tecido de cor lisa. O corpo justo é fechado no pescoço, leva enfeites em rendas ou do mesmo tecido do vestido. As mangas $\frac{3}{4}$ bufantes ou não, vão até o cotovelo e babados dão o acabamento. Quando não leva babados no corpo, a prenda sobrepõe um fichu em renda crochê preso pelo broche. Meias brancas e bombachinhas e sapatos pretos. Xale de renda em lã crochê é o agasalho. Os cabelos presos ou soltos levam uma flor, e nas orelhas, os brincos balançantes.



Gaucho Atual e Prenda Tradicionalista



BOMBACHA E VESTIDO DE PRENDA

A bombacha surgiu com os turcos e veio para o Brasil usada pelos pobres na Guerra do Paraguai. Até o começo do século, usar bombachas em um baile, seria um desrespeito. O gaúcho viajava à cavalo, trajando bombachas e trazia as calças "cola fina", dobradas em baixo dos pelegos, para frisar.

As bombachas são largas na Fronteira, estreitas na Serra e médias no Planalto, abotoadas no tornozelo, e quase sempre com favos de mel.

A correta bombacha é a de cós largo, sem alças para a cinta e com dois bolsos grandes nas laterais, de cores claras para ocasiões festivas, sóbrias e escuras para viagens ou trabalho.

À cintura o fronteirista usa faixa; o serrano e planaltense dispensam a mesma e a guaiaca da Fronteira é diferente da serrana, por esta ser geralmente peluda e com coldre inteiriço.

A camisa é de um pano só, no máximo de pano riscado. Em ambiente de maior respeito usa-se o colete, a blusa campeira ou o casaco.

O lenço do pescoço é atado por um nó de oito maneiras diferentes e as cores branco e vermelho são as mais tradicionais.

Usa-se mais freqüentemente o chapéu de copa baixa e abas largas, podendo variar com o gosto individual do usuário, evitando sempre enfeites indiscretos no barbicacho.

Por convenção social o peão não usa chapéu em locais cobertos, como por exemplo no interior de um galpão.

As esporas mais utilizadas são as "chilenas", destacando-se ainda as "nazarenas". Botas, de sapataria preferencialmente pretas ou marrons.



Para proteger-se da chuva e do frio usa-se o poncho ou a capa campeira e do calor o poncho-pala. Cita-se ainda o bichará como proteção contra o frio do inverno. Obs.: O preto é somente usado em sinal de luto.

O tirador deve ser simples, sem enfeites, curtos e com flecos compridos na Serra, de pontas arredondadas no Planalto, comprido com ou sem flecos na Campanha e de bordas retas com flecos de meio palmo na Fronteira.

É vedado o uso de bombacha com túnica tipo militar, bem como chiripás por prendas por ser um traje masculino.

A indumentária da prenda é regulamentada por uma tese de autoria de Luiz Celso Gomes Yarup, que foi aprovada no 34º. Congresso Tradicionalista Gaúcho, em Caçapava do Sul.

01 - O vestido deverá ser, preferencialmente, de uma peça, com barra da saia no peito do pé;

02 - A quantidade de passa-fitas, apliques, babados e rendas é livre;

03 - O vestido pode ser de tecido estampado ou liso, sendo facultado o uso de tecidos sintéticos com estamparia miúda ou "petit-pois";

04 - Vedado o decote;

05 - Saia de armar: quantidade livre (sem exageros);

06 - Obrigatório o uso de bombachinhas, rendadas ou não, cujo comprimento deverá atingir a altura do joelho;

07 - Mangas até os cotovelos, três quartos ou até os pulsos;

08 - Facultativo o uso de lenço com pontas cruzadas sobre o peito, também facultado o uso do fichu de seda com franjas ou de crochê, preso com broche ou camafeu, ou ainda do chale;

09 - Meias longas brancas ou coloridas, não transparentes;



- 10 - Sapato com salto 5 (cinco), ou meio salto, que abotoe do lado de fora, por uma tira que passa sobre o peito do pé;
- 11 - Cabelo solto ou em trança (única ou dupla), com flores ou fitas;
- 12 - Facultado o uso de brincos de argola de metal. Vedados os de fantasia ou de plásticos;
- 13 - Vedado o uso de colares;
- 14 - Permitido o uso de pulseiras de aro de qualquer metal. Não aceitas as pulseiras de plástico;
- 15 - Permitido o uso de um anel de metal em cada mão. Vedados os de fantasia;
- 16 - É permitido o uso discreto de maquiagem facial, sem batons roxos, sombras coloridas, delineadores em demasia;
- 17 - Vedado o uso de relógios de pulso e de luvas;
- 18 - Livre a criação dos vestidos, quanto a cores, padrões e silhuetas, dentro dos parâmetros acima enumerados.



LENÇOS NA TRADIÇÃO

O lenço é uma pilcha tradicional representativa e útil, como segue:

Representativa, porque representa na cor o seu sentimento, a sua divisa política (do passado), aliás, como é ainda hoje no Uruguai e Paraguai (colorados e blancos).

Útil, porque serve para abrigo, proteção e distinção.

Nas cores, temos a diversidade representativa dos sentimentos de sorte que, quando se está de luto fechado usa-se o preto e quando se está de luto aliviado usa-se o preto e branco (xadrezinho).

Os nós, mostram a diversidade representativa **faccionaria**. (dividir em facções ou bandos).

Os estilos (maneiras), mostram a diversidade do objetivo.

Essa tradição do uso do lenço, começou em Portugal no ano de 1094 (com o Azul da dinastia **Borgonha**) , depois em 1385 (com o encarnado da dinastia **Avís**), mais tarde em 1640 (com o verde da dinastia **Bragança**).

No Brasil Colônia, os Entradeiros, os Bandeirantes e os Tropeiros usaram o lenço em sinal, também, de admiração e submissão ao seu Rei.

No Brasil Império, D. Pedro I substituiu as cores oficiais (azul/encarnado) por (verde/amarelo) quando da Independência.

Para um melhor entendimento é mostrada a tabela seguinte:



[Lenços - Tabela.xls](#)

Classificação dos Nós quanto a Cor na Tradição													
Cores	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	Correntes	Razões	Apelidos
	Comum	Farropilha	Pachola	Republicano	Quadrado	Namorados	Crucifixo	Oito-Voltas	Triangular	Sta. Maria			
1 <i>Azul-Claro</i>	X		X			X	X	X	X	X	Borgonha	Maçonica	Celeste
2 <i>Azul-Escuro</i>	X		X	X		X	X	X	X	X	Republicano	Republicana	Democrata
3 <i>Encarnada</i>		X	X		X	X	X	X	X	X	Avis	Maçonica	Regenerador
4 <i>Vermelho</i>		X	X		X	X	X	X	X	X	Liberal	Rebelde	Marimbondo
5 <i>Colorado</i>		X	X		X	X	X	X	X	X	Inconforme	Contrário	Maragato
6 <i>Verde</i>	X	X	X			X	X	X	X	X	Bragança	Conservador	Caramurú
7 <i>Amarelo</i>	X	X	X			X	X	X	X	X	Habs-Burg	Moderador	Pica-Pau
8 <i>Branco</i>	X		X			X	X	X	X	X	Pacifista	Paz	Chimango
9 <i>Preto</i>	X	X			X	X	X	X	X	X	Luto-Fechado	Triste	Corvo
10 <i>Preto/Branco</i>	X	X			X	X	X	X	X	X	Luto-Aberto	Aliviado	Carijó
11 <i>Verde Claro</i>	X		X			X	X	X	X	X	Legalista	Esperança	Periquito
12 <i>Bege</i>	X		X			X	X	X	X	X	Aflito	Desespero	Rabo-de-Palha
13 <i>Marrom</i>	X		X			X	X	X	X	X	Legalista	Serrano	João-de-Barro
14 <i>Vermelho/Branco</i>	X		X			X	X	X	X	X	Mediador	Conciliador	Melância
15 <i>Bi-Color</i>	X		X			X	X	X	X	X	Disfarce	Dúbio	Tobiano
16 <i>Multi-Color</i>	X		X			X	X	X	X	X	Mesclado	Enganoso	Camaleão

Para reforçar, frise-se que o **Lenço Preto** e o **Carijó** não são usados em festas, bailes ou fandangos – São Luto.

Denominação dos Nós.

- **A- Comum** Simples, Chimango;
- **B- Farropilha** Três galhos, amizade, saco de touro;
- **C- Pachola** 2 posições – Destro e Canhoto;



- **D- Republicano** Borboleta, Dois topes;
- **E- Quadrado** Quatro cantos, rapadura, maragato;
- **F- Namorados** 3 posições – Livre, querendão e apaixonado;
- **G- Crucifixo** Religioso;
- **H- Oito Voltas** Em desuso;
- **I- Triangular** Em desuso;
- **J- Santa Maria** Em processo de adoção pelo tradicionalismo.

Os nós seguem um adequação às cores como elucidado na tabela acima. Arrematando, instrua-se ainda, que há estilos (maneiras) de se usar o lenço, como segue:

- **Pescoço** É o estilo cívico-social;
- **Vincha** Para uso de melencudos;
- **Sobre-Ombro** Para pacholices;
- **Tira-Cola** Gauderiando;
- **Sereneiro** Abrigar-se do sereno, frio ou poeira;
- **Pirata** Em serviço de cozinha;
- **Meia-Espada** Servindo como garçom.



LENÇOS

A DOBRA

A primeira dobra do lenço deve ser feita depois de passado o lenço com ferro túbio, (nem frio e nem quente – morno), pega-se ele por pontas opostas não importando se as outras pontas descoincidam e se faz a primeira dobra, não se à passa a ferro.

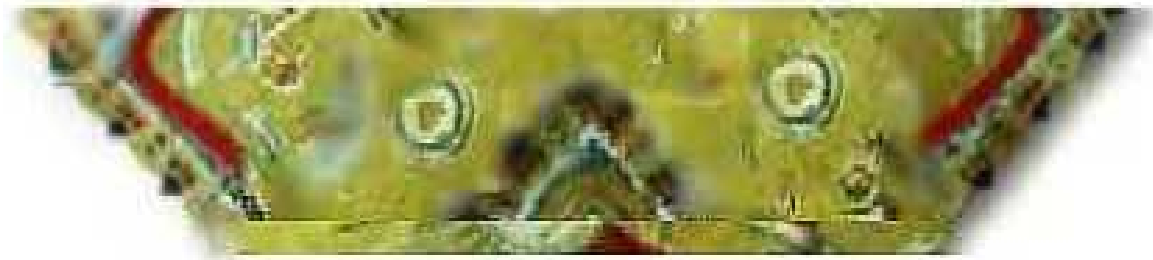


A segunda dobra do lenço se faz pegando as pontas que ficaram sobrepostas, trazendo-as até uma distância aproximada de quatro dedos da primeira dobra, o que caracteriza uma segunda dobra e não se passa à ferro.





Enrola-se o lenço começando-se pela segunda dobra de forma bem estreita e apertada.



Assim enrolado , não se passa à ferro, estará pronto para o nó desejado. Após enrolado pega-se firmemente pelo centro dando-se forma ao lenço. Não se passa a ferro, somente se corre a mão para que ele tome a forma normal.



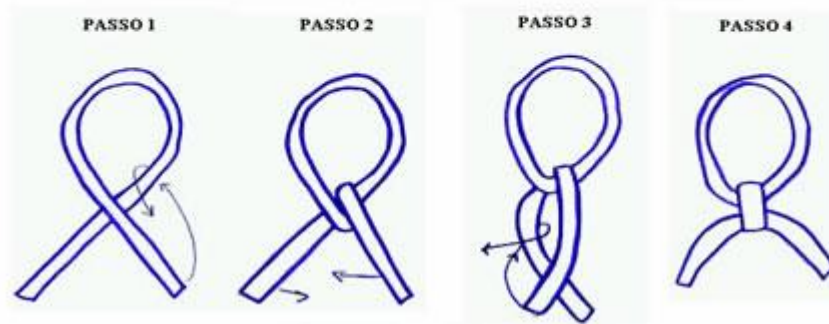


NR. 01 - NÓ COMUM – SIMPLES OU CHIMANGO

Não deve ser dado em lenço vermelho, encarnado ou colorado. Pode ser dado nas cores de luto.

NR 01 - NÓ COMUM
CHIMANGO

Cores - Vermelho, encarnado ou
Colorado



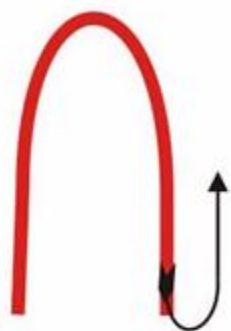


NR. 02 - NÓ FARROPILHA—TRÊS GALHOS, AMIZADE, SACO-DE-BOI

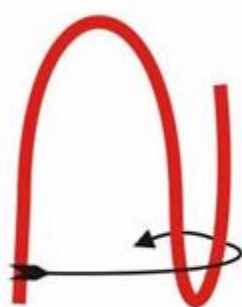
É um nó próprio para as cores farropilhas: verde, vermelho e amarelo. Pode ser dado nas cores de luto.

NR. 02 – DIAGRAMA

NÓ FARROPILHA—TRÊS GALHOS, AMIZADE, SACO-DE-BOI



Aqui forma-se o bago e seguirá até o último passo.



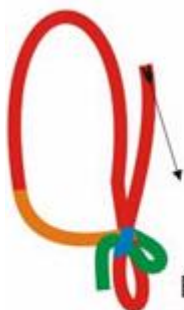
A ponta que sobra, vem pela frente e volta por trás.



Passa-se o nó entre o laço que se formou, este sairá por trás do nó.



Apertando o nó até este ponto, tem-se este resultado.



Basta agora, pegar a ponta e passar entre o laço formado no passo anterior e arrumar o laço para parecer com o desenho abaixo!



Ao final, o bago tem que estar na metade das pontas.



NR. 03 - NÓ PACHOLA – DESTRO E CANHOTO

Nó pachola Destro e Canhoto.

Pachola quer dizer faceiro. Alguém que está faceiro não está de sentimento abatido (de luto). Este nó é também chamado de nó de carpeteiro (jogador de cartas de tava), de sorte que, quem era destro e queria se passar por canhoto, atava o nó ao contrário fazendo-se parecer pelo oposto. Ao entrar na cancha de osso, se destro, com o nó canhoto, até o coimeiro estar com tanto dinheiro quanto ele desejasse ganhar com a sorte da tava, só cambiava o osso e tacava uma cravada, e mão nos pilas, mandando-se a la cria....

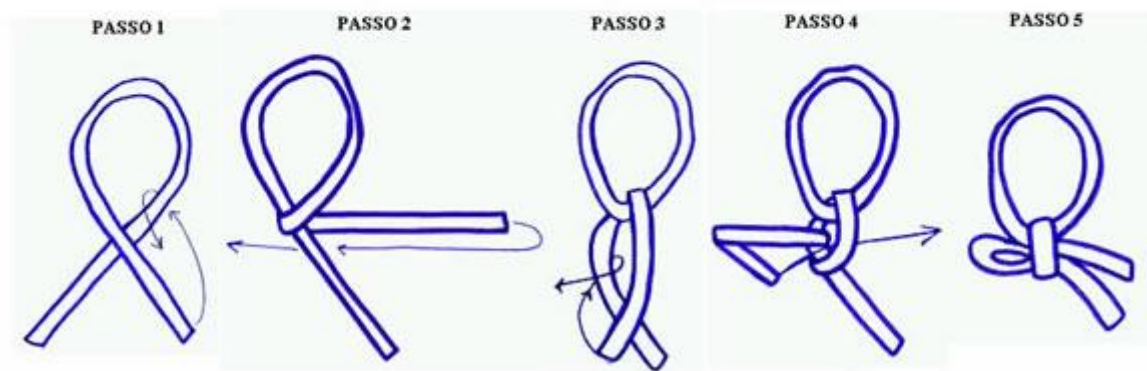
Sendo pachola, não deve ser usado em lenços de luto. É também chamado de Nó-de-Carreiristas (quem ata careiras), de sorte que, quem queira o trilho da direita exigia o da esquerda e vice-versa. Sabe como é ... o sapo, vendo que ia ser atirado no fogo, pedia para ser atirado no fogo, então seu captor contrariando o desejo dele atirou-o na água, justamente para onde ele queria ir. Assim ocorre com o pacholento, quando quer uma coisa, pede ao contrário, ou se faz passar pelo contrário.

Deste nó surge o nó republicano (borboleta ou dois topes) fazendo-se a alças do nó pachola para os dois lados.



NR 03 - NÓ PACHOLA - Destro e Canhoto

Cores - Em qualquer cor - Menos das de Luto.





NR. 04 - NÓ REPUBLICANO – BORBOLETA, DOIS TOPES

Este nó é confundido com o nó crucifixo, que é dado a semelhança. Também é conhecido por nó Marechal Deodoro da Fonseca.

Pode ser atado em qualquer lenço, mas está em desuso.

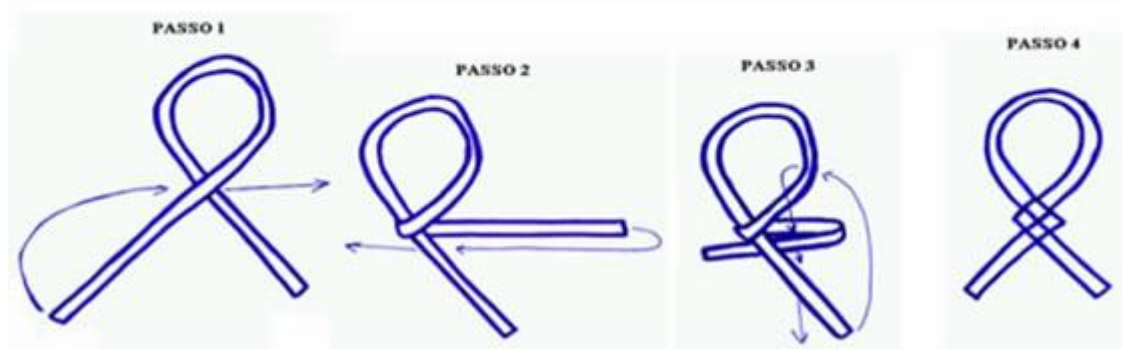


NR. 05 - NÓ QUADRADO – QUATRO CANTOS, RAPADURA, MARAGATO

Este nó só deve ser dado em lenço vermelho, encarnado ou colorado, podendo também ser dado em preto, porém nunca em lenços de cor branca. Se for atado na altura da maçã do peito, diz-se que é ao estilo Assisence “de Assis Brasil”. Conta-se que o político Assis Brasil, temia ser agarrado pelo lenço para a degola, quando então seria fácil desvencilhar-se do mesmo, escapulindo-se la cria.

NR 05 - NÓ RAPADURA

Cores - Encarnado, Vermelho, Colorado, Preto e Preto/Branco





NR. 06 - NÓ NAMORADO – DESCOMPROMETIDO, QUERENDÃO E APAIXONADO

Nó atado Descomprometido.

Este nó, tem três posições finais e é um *nó-de-senha*. São dois nós que representam dois corações. Se os corações estão longe, então o peão está **descomprometido**. Conta-se que o peão de pouca conversa, aproxima-se da prenda galanteada e ia cerrando o nó do lenço. Se ela aceitasse o galanteio, então, até auxiliava na aproximação dos corações. Porém, se recusava o galanteio, então, impedia tal aproximação, como a dizer “**não me serves**”.

Nó atado Querendão.

Um paisano que anda ancioso para arrastar a asa à uma prenda, convida-a para o namoro com a senha do lenço. Se ela corresponder, ele deixará de andar na volta de fora.

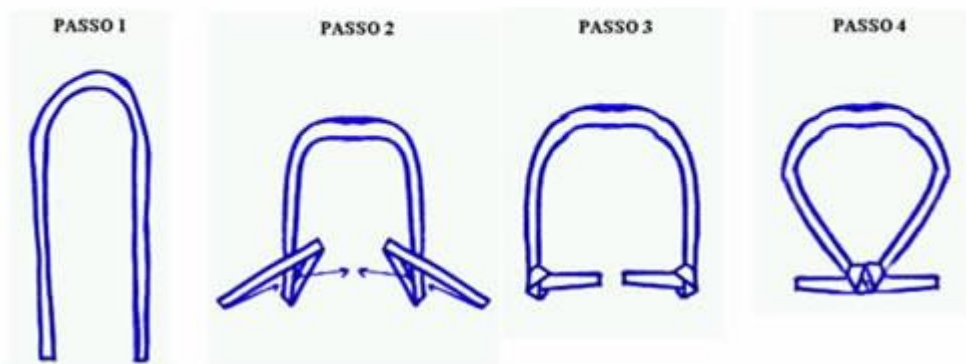
Nó atado Apaixonado.

Quando um peão andar de lenço, usando esta posição, é porque já está boleado e talvez não tenha mais volta e nem reza de cigano macho que o faça virar os cornos para outra percanta, está morta a carreira, o cristão em breve vai se manear. (se casar).



NR 06 - NÓ NAMORADO - Descomprometido, Querendão e Apaixonado

Cores - Em qualquer cor





NR. 07 - NÓ CRUCIFIXO – RELIGIOSO

Dos nós tradicionalistas, este é o mais difícil de ser atado. O lenço que recebe este nó, deve ter pelo menos 1,20 m, porque gasta muito pano. Este nó é confundido com o republicano – borboleta, dois-topes – dado a semelhança.

Este nó é próprio de ser usado em festividades religiosas –missas, casamentos, batizados, crismas, bodas...- e até em velórios ou enterros. Por esta razão, também é chamado de **nó religioso**.

Não se deve ir a fandangos com este nó atado e muito menos com lenço preto ou carijó – luto fechado e luto aliviado respectivamente – e como tenho visto tais aberrações de peões – músicos de conjuntos animando fandangos, cometendo este erro, passando um verdadeiro atestado de ignorância. É um crucifixo pendurado no pescoço do cristão.



REVOLUÇÃO FARROPILHA

Causas

A) Econômicas : O Rio Grande do Sul, estava esgotado pela sequência de guerras, a última das quais tinha sido a campanha da Cisplatina, com as estâncias e charqueadas produzindo pouco, com os rebanhos esgotados e sem que o império brasileiro pagasse as indenizações de guerra, apesar de locupletar-se com as exportações de café e açúcar do centro do País. Os impostos sobre o gado em pé e sobre a arroba de charque - principais produtos da Província - eram escorchantes. Todos os produtos da pecuária pagavam dízimo. Cada arroba exportada pagava 600 réis de taxa e cada légua de campo pagava 100 mil réis de imposto anual. O pior, porém é que o centro do Brasil preferia comprar o charque platino ao invés do rio-grandense que era produzido pelo braço escravo das charqueadas. E, portanto, caro. O charque uruguaio ou argentino, fruto do braço assalariado nos intervalos das infindáveis guerras e revoluções do Prata, era vendido no Rio de Janeiro e São Paulo bem mais barato que o charque rio-grandense.

Não se deve nessa época falar em contrabando, porque a fronteira sul do Rio Grande era indefinida. Até bem pouco a Cisplatina era província do império e muitos estancieiros brasileiros ou orientais tinham campos no Uruguai e também no Rio Grande e mesmo tarde delimitadas, sendo impossível dizer onde terminava o Brasil e onde começava a República Oriental do Uruguai - em organização.

B) Sociais : O Rio Grande do Sul tinha 14 municípios e cidades com suas vilas respectivas, uma população de aproximadamente 150 mil pessoas entre



brancos, escravos e índios. Não havia uma escola pública, uma ponte construída ou uma estrada em boas condições. Apesar do seu continuado sacrifício nas guerras de fronteiras e apesar da riqueza que o café acumulava na Corte, apesar da sangria na sua população masculina dizimada pelas guerras, apesar do luto constante das mulheres gaúchas, o Rio Grande do Sul não merecia qualquer atenção ou reconhecimento por parte do império. O descontentamento era geral.

C) Políticas : O movimento farroupilha foi um dos muitos movimentos liberais que sacudiram a Regência na 1ª metade do século XIX, na década de 30, e alcançou de fato ser a primeira experiência republicana em território do Brasil.

Exaltados pela independência, os brasileiros se dividiam entre Liberais e Conservadores, havendo nas duas grandes facções subfacções de orientação diversa.

Os liberais não apenas no Rio Grande do Sul eram chamados "farroupilhas", palavra do português castiço para designar esfarrapados. No Rio Grande do Sul os gaúchos abasileiraram o termo, usando mais frequentemente a expressão "farrapos". De uma maneira geral os maçons dominaram o Partido Liberal no Rio Grande do Sul, adeptos da maçonaria francesa, de inspiração republicana, que prejudicava a independência dos três poderes: o Legislativo, o Executivo e o Judiciário. Dizia-se que todas as decisões tomadas de público pelos liberais já tinham sido em segredo tomadas no recesso das "Lojas" maçônicas, a mais prestigiosa das quais tinha por nome "Fidelidade e Firmeza".

Próceres liberais mantinham um estreito contato com maçons de idêntica orientação no Uruguai e na Argentina, sendo famosa a amizade entre Bento Gonçalves da Silva e Juan Antonio Lavalleja, prestigioso caudilho uruguaio.



Na efervescência política da Independência os rio-grandenses efetivamente - pelo menos os líderes liberais - não viam com maus olhos a organização do Uruguai como um Estado independente e soberano entre Argentina e Brasil.

As causas políticas que levaram à revolução forma muitas, sobretudo graças a inabilidade do presidente da Província, Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, primeiro rio-grandense a ocupar tão alto posto. Fernandes Braga denunciou Bento Gonçalves da Silva como conspirador e a recém empossada Assembléia Provincial (20 de Abril de 1835), substituta do antigo Conselho Geral da Província e onde o Partido Liberal tinha maioria, exigiu que o presidente Fernandes Braga apresentasse provas e este, em sessão secreta não pode fazê-lo. Bento Gonçalves consolidava assim sua posição de líder liberal. Anteriormente já fora denunciado como conspirador contra o Império pelo Mal. Sebastião Barreto Pinto, quando se revoltara diante da famigerada e reacionária "Sociedade Militar". Chamado a Corte nessa ocasião para se defender, voltara inocentado das acusações e altamente prestigiado, conseguindo mesmo a nomeação de Fernandes Braga para presidente, o qual agora lhe pagava o gesto com nova acusação...

Funcionando durante pouco mais de mês, a Assembléia Provincial, foi sempre um caldeirão fervente. E a imprensa exaltada da época contribuía para maior agitação: quando os conservadores criaram um jornal chamado "A Idade de Ouro", os liberais responderam fundando "A Idade de Pau"... Entre as causas políticas deve ser mencionada também a ligação dos liberais com experimentados agitadores italianos, como o conde Lívio Zambecari.

D) Militares : a autoridade militar maior da província era o Comandante das Armas, Mal. Sebastião Barreto Pinto, conservador ferrenho e feroz inimigo de Bento Gonçalves, que fora comandante de fronteira em Jaguarão.



Bento Gonçalves da Silva não era oficial do Exército, mas guerrilheiro das milícias e depois da Guarda Nacional, forjado e experimentado no campo de batalha, comandante de gaúchos que apenas se fardavam - quando recebiam farda - nos períodos de guerra. Sua brilhante carreira de armas desde soldado raso até coronel da Guarda Nacional era causa do ciúme do velho marechal do exército brasileiro. Que não era bem visto pelos grandes do Império prova o fato de que recebeu quatro condecorações por seus feitos militares mas nunca recebeu terras nem título de nobreza, ao contrário, por exemplo, de Manuel Marques de Souza, João da Silva Tavares, Francisco Pedro de Abreu e do próprio Osório.

Invasão de Porto Alegre

Bento Gonçalves da Silva, nascido em Triunfo do data de 23/09/1788, homem simpático, de estatura elevada, era um militar por excelência, patriota incomparável e destemido. Batera-se gloriosamente em numerosos combates contra os castelhanos.

Indignava-se agora contra a opressão com que o governo imperial submetia o Rio Grande. Por fim, as atitudes hostis e injustas do Presidente Fernandes Braga, do seu irmão Dr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves e do comandante de armas Sebastião Barreto Pinto, contra a sua pessoa, acabaram por esgotar a paciência do bravo caudilho.

Percorre ele então, o interior da Província, a dispor os ânimos para a revolução, que deveria romper no dia 7 de setembro, aniversário da nossa independência.



Entretanto, só no dia 20, é que 200 homens de cavalaria, sob o comando de Onofre Pires da Silveira Canto e José Gomes Jardim, partindo de Pedras Brancas (hoje Guaíba), invadem Porto Alegre pela ponte da Azenha.

Apesar do apelo do Presidente Braga para que a população se levantasse em defesa da cidade, "ameaçada por um bando de salteadores", os liberais são recebidos com grandes aplausos.

O Presidente foge então para a cidade de Rio Grande, onde estabelece a sede do governo, enquanto a Câmara e a Assembléia convidam o vice-presidente Dr. Marciano Pereira Ribeiro a assumir o governo em Porto Alegre, ficando, por isso, o Rio Grande governado por dois presidentes.

No dia 25, Bento Gonçalves entra triunfalmente na cidade e lança uma proclamação. A seguir, informa o regente Feijó acerca do ocorrido, pedindo que renomeie outro presidente.

Em seguida Bento Gonçalves e Onofre Pires marcham sobre São José do Norte, Pelotas e Rio Grande e travam violentos combates contra forças imperiais chefiadas por Silva Tavares, obrigando o Presidente Braga a fugir para o Rio de Janeiro (23/10/1835).

Enquanto isso era nomeado Presidente o Dr. José de Araújo Ribeiro, filho da terra, parente de Bento Gonçalves, homem inteligente e culto, mas pouco político.

Bem recebido pelos revolucionários, Araújo Ribeiro teve, entretanto, sua posse suspensa, em virtude sobretudo de um incidente ocorrido em torno dos colonos alemães, que deviam permanecer alheios a Revolução.

Inseguro, desgostoso, Araújo Ribeiro retira-se para Rio Grande. Bento Manuel Ribeiro, famoso guerreiro e figura de destaque da deposição do Presidente Fernandes Braga, deixa o comando das armas, que havia assumido em substituição de Sebastião P. Pinto, e junta-se a Araújo Ribeiro,



o qual, escorado pelo prestigioso parente e por outros amigos, assume a presidência da Província diante da Câmara Municipal de Rio Grande, atitude sumamente deplorável, pois a Revolução já havia sido dada por encerrada por Bento Gonçalves. Os soldados foram despedidos, e Araújo Ribeiro convidado a assumir a presidência em Porto Alegre.

A resposta a este belo gesto de pacificação do chefe farroupilha - pasmem todos ! - foi a contra-revolução, fruto inglório de lamentável traição de Bento Manuel Ribeiro ! Não havia outro recurso senão pegar novamente em armas. Como se vê, desta vez não foram os farroupilhas que pediram briga. Foram os próprios imperiais. Estes, mais do que aqueles, são os responsáveis por mais nove anos de lutas fratricidas, nove anos de "miséria e estacionamento" para o Rio Grande do Sul.

Combate do Passo do Rosário.

Bento Manuel Ribeiro, agora comandante das armas da contra-revolução, juntamente com Silva Tavares e Sebastião Barreto Pinto, à frente das forças legalistas, tentam reconquistar Porto Alegre.

Bento Manuel, em sua campanha pelo interior, é perseguido de perto por Corte Real, com 800 homens. Nas proximidades de Irapuã vai ele, por isso, usar seus habituais estratégias. Manda avisar o chefe revolucionário que, não desejando ser o primeiro a fazer correr sangue rio-grandense, desistia de lutar, para retirar-se do Rio Grande.

O jovem Corte Real acreditou piamente. Foi um desastre! Às margens do Rio Santa Maria, no Passo do Rosário (17/03/1836), é derrotado, perdendo em meia hora 150 de seus homens, num violento e inesperado combate em que



tomou parte, como legalista, o futuro Marquês de Herval, Manuel Luís Osório, junto com seu pai e um irmão.

Corte Real dispunha-se a morrer brigando, quando José Luís Osório, adiantando-se, brada-lhe: "Renda-se, patrício! Entregue-me a espada que eu lhe garanto a vida!"

Preso, Corte Real vai para a fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, de onde, um ano depois, foge a nado, junto com Onofre Pires (11/03/1837).

Enquanto isso, João Manuel de Lima e Silva, tio do Duque de Caxias, comandante das armas dos revolucionários, desbarata no Passo dos Negros, no Rio São Gonçalo, em Pelotas, a força legalista de Albano de Oliveira Bueno (02/06/1836), o qual foi assassinado quando seguia preso para Porto Alegre.

Lima e Silva, na cidade de Pelotas, com 700 farrapos, derrota o Major Manuel Marques de Sousa, o futuro Conde de Porto Alegre. Ele e outros prisioneiros foram remetidos para Porto Alegre e postos no velho navio abandonado "Presiganga", ancorado em Guaíba.

Foi um desastre para os revolucionários! Marques de Sousa conseguiu evadir-se do navio-prisão. Auxiliado pelo velho Marechal João de Deus Mena Barreto, promove um levante, conseguindo aprisionar o presidente Marciano Pereira Ribeiro, junto com o comandante militar da cidade, Coronel Araújo Paula, além do terrível tribuno Pedro José de Almeida, o popular Pedro Boticário, e mais três dezenas de próceres revolucionários, (15/05/1836). Dessa forma, foi restaurado o poder imperial na Capital da Província.

Enquanto isso, os farrapos ferem vários combates, como o do Faxinal, em Viamão, onde Lima e Silva derrota Juca Ourives (19/04/1836). No dia 22 de abril, em Mostardas, o Coronel Onofre Pires subjuga as forças imperiais



comandadas pelo Capitão Francisco Pinto Bandeira, que foi preso e fuzilado com numerosos companheiros de luta, fato que deslustra a Revolução.

Em 12/06/1836, Bento Gonçalves bate-se com Bento Manuel Ribeiro no Arroio dos Ratos. No dia 13, Silva Tavares, que havia retornado do Uruguai, é batido pelo farroupilha Domingos Crescêncio no combate da Lagoa Cajubá.

Proclamação da República Rio-Grandense.

Bento Gonçalves, tomando conhecimento da queda de Porto Alegre às mãos dos imperiais, tenta reconquistar a Capital, sendo impedido pelo valor de Marques de Sousa.

Entretanto, os farroupilhas vinham alcançando outras vitórias. Em 12/07/1836, Antônio de Sousa Neto empurrava novamente Silva Tavares para o território uruguaio. Mas este, futuro Visconde de Cerro Alegre, retorna e, no dia 10 de setembro, bate-se com Sousa Neto em Seivel, perto de Candiota, em Bagé. Foi uma extraordinária vitória farroupilha, na qual pereceram 180 legalistas.

No dia seguinte, o histórico dia 11/09/1836, nos Campos dos Meneses, diante das hostes vitoriosas, Sousa Neto proclamava a República Rio-grandense, separando o Rio Grande do resto do Brasil, enquanto se aguardava que as demais Províncias, adotando o regime republicano, se dispusessem a formar a grande república federativa.

No dia 20 de setembro, primeiro aniversário da Revolução, a Câmara de Jaguarão, sob a presidência de Manuel Gonçalves da Silva, irmão de Bento Gonçalves, adere à proclamação da República e envia ofício acompanhado



de cópia da ata da sessão. Logo a seguir a Câmara de Piratini adere à histórica proclamação da República Rio-Grandense.

Combate do Fanfa.

Durante vários meses, os farrapos cercam Porto Alegre afim de reconquistá-la. Bento Gonçalves, que se havia estabelecido com o quartel-general em Viamão, vendo-se impotente de levar a cabo a difícil empreitada, resolve afastar-se para o interior e reunir um exército poderoso.

Entretanto, ele é infeliz na manobra. Ao atravessar o Jacuí, vê-se inesperadamente cercado na ilha do Fanfa pelas forças de Bento Manuel Ribeiro e Andrade Neves.

Travam-se ali então desesperados combates durante os dias 02, 03 e 04/10/1836, combates por terra e por água, a canhão, fuzil e espada, corpo a corpo, morrendo cerca de duzentos combatentes.

Por fim, Bento Manuel propõe a Bento Gonçalves uma rendição honrosa com liberdade total, contanto que os revolucionários entreguem as armas. No momento de entregá-las, muitos soldados preferem jogá-las ao rio.

Bento Gonçalves, Onofre Pires, Tito Lívio Zambecari e outros são presos e enviados à Fortaleza de Santa Cruz.

O Conde Zambecari, que era italiano, foi expulso do país. Bento Gonçalves, que podia ter fugido da prisão juntamente com Onofre Pires e Afonso Corte Real, não o faz, para não comprometer seu companheiro de cela, o gordo Pedro Boticário, que não passava pelo buraco aberto na janela da prisão.

Foi então transferido para uma fortaleza na Bahia onde escapou de morrer envenenado, porque, desconfiado, deu a comida a um cão e a um gato, que morreram em seguida.



Na manhã do dia 10/09/1837, ao banhar-se no mar, fugiu nado, ganhou uma canoa de pescadores amigos, que o levaram à ilha de Itaparica.

Depois de longos dias de perseguição, mandou avisar que embarcara para os Estado Unidos, cessando então a perseguição. Embarcou num navio estrangeiro. Aportou em Santa Catarina e daí, por terra, chegou a Viamão.

Enquanto isso os oficiais da república, reunidos em Piratini, no dia 06/11/1836, constituíam o governo republicano, sendo eleito presidente Bento Gonçalves, e vice-presidente Antônio Paulo Fontoura, José Mariano de Matos e José Gomes de Oliveira Guimarães. Na ausência de Bento Gonçalves, assumia a presidência José Gomes de Vasconcelos Jardim. No dia 16, Bento Gonçalves era empossado no seu alto cargo de chefe da República Rio-Grandense.

Para o Interior e Fazenda, foi nomeado Domingos José de Almeida; Marinha e Guerra, Major José Mariano de Matos; Justiça e Estrangeiros, José Pinheiro de Ulhoa Cintra; Comandante do Exército Republicano, o General João Manuel de Lima e Silva.

O exército republicano era avaliado em 9.372 homens, sendo 4.296 da 1ª linha e 5.076 da Guarda Nacional. Naquele tempo a população total da Província era inferior a 400.000 habitantes.

Foi organizada uma pequena marinha para operar nas lagoas e rios, sendo então de grande valia o italiano José Garibaldi.

Na viagem que Bento Gonçalves fizera a cavalo pelo litoral, entre Santa Catarina e Viamão, ocorreu um fato pitoresco. Desejando trocar o seu cavalo cansado, chegou-se a uma estância e, sem dar-se a conhecer, pediu um cavalo. A velhinha que o atendeu disse:

- Fui rica, hoje sou pobre. Dei tudo que pude a revolução. As forças legais levaram-me o resto. Na estância, só tenho um cavalo para todo o serviço.



Esse eu não dou. Só darei ao General Bento Gonçalves, se ele chegasse aqui. Guardo-o para ele, quando voltar ao Rio Grande.

- Minha senhora - respondeu o chefe farroupilha - Bento Gonçalves, sou eu.

José Garibaldi e a Marinha.

José Garibaldi, audacioso aventureiro italiano, encontrando-se no Rio de Janeiro e atraído pelo patricio Conde Zambecari, resolveu abraçar a causa farroupilha, que o empolgava.

Transformado em corsário, embarcou via Montevideú, com vários companheiros italianos, entre os quais o ilustrado Luís Rossetti que será o organizador da imprensa farroupilha, secretário da República Catarinense, vindo a perecer mais tarde no combate de Viamão, no dia 26/11/1840.

Depois de enfrentar tempestades, sofrer graves ferimentos, prisão e torturas, Garibaldi, viajando a cavalo, chegou a Piratini, onde se apresentou ao General Bento Gonçalves.

"Passei algum tempo"- escreveu Garibaldi em suas memórias - "em companhia daquele homem extraordinário, a quem a natureza aquinhoou com dotes excelentes, havendo desprezado quase sempre a fortuna a favor do Império brasileiro. Bento Gonçalves era do tipo de guerreiro brilhante e magnânimo; tinha cerca de sessenta anos quando o conheci. Alto e de porte esbelto, montava seu fogofo cavalo com a mesma agilidade e destreza de um jovem daqueles lugares. E leve-se em consideração que os rio-grandenses consideravam-se os melhores ginetes do mundo... Sóbrio, como todo filho daquela valente nação, seu alimento no campo era o dos soldados: churrasco, único alimento naquelas campinas, ricas em gado, onde em guerra não se utilizam embaraçosas bagagens, obstáculo principal dos



exércitos europeus. Vi-o pela primeira vez comendo ao lado de seus soldados com a mesma familiaridade, com se fossem seus companheiros de infância. Com tais dotes, Bento era o ídolo de seus concidadãos. Apesar disso ele foi muito feliz nas batalhas, nas quais sorte sempre leva a sua parte."

Encarregado pelo ministro da Marinha, Garibaldi dirigiu-se ao estaleiro de Camaquã, onde conquistou a primeira vitória contra os imperiais, derrotando Francisco Pedro de Abreu, o astuto Moringue, futuro Barão de Jacuí.

Aqui, auxiliado por John Griggs, improvisando barcos e marinheiros, deu casa aos barcos legalistas, que singravam livremente a Lagoa dos Patos.

Marcha Sobre Santa Catarina .

Os farrapos visavam entender a República Federativa às demais províncias brasileiras. Enquanto Davi Canabarro seguia por terra, Garibaldi avançaria pelo mar, na tentativa de estabelecer em Laguna um porto de mar da República.

O porto de Rio Grande, como o de Porto Alegre, encontravam-se em mãos dos imperiais. Garibaldi só poderia atingir o Atlântico transportando por terra os seus lanchões, desde a Lagoa dos Patos.

Foi o que realizou, numa façanha extraordinariamente heróica. Levou seis dias para construir dois carroções de grandes rodas, sobre os quais, na barra do Capivari, carregou o "Seival" e o "Rio Pardo". Puxados por duzentos bois, os barcos partem no dia 05/07/1838 e no dia 11 mergulham nas águas do Tramandaí. A 14 do mesmo mês, desfraldam ao vento do Atlântico o pavilhão tricolor da República Rio-Grandense, rumo a Laguna.



John Griggs, um marinheiro norte-americano (ou irlandês?), comanda o "Seival", que, sólido e valente, enfrenta e resiste ao temporal, ao passo que o "Rio Pardo", naufraga na barra do Araranguá.

Neste naufrágio, Garibaldi perde 16 companheiros. Os 14 sobreviventes, a roupa encharcada, naquele inverno cruel, salvam-se de morrer enregelados, deitando a correr pela praia do Morro dos Conventos.

Enquanto "Seival" se aproxima de Laguna, Garibaldi, por terra, auxiliado pelos catarinenses, que se haviam revoltado contra o Império, vai em busca de Canabarro.

A Conquista de Lages.

David Canabarro (David José Martins, adotou o sobrenome do tio Bartolomeu Canabarro), numa odisséia heróica, em pleno inverno, galga a serra, invade Vacaria, atravessa o rio Pelotas (onde profere a célebre expressão "bois-de-botas", referindo-se aos catarinenses que auxiliaram a tirar os seus canhões atolados na barranca do rio).

No dia 9 de março, entra em Lages e proclama a República, entre o regozijo de seus habitantes. O brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, pai do poeta Félix da Cunha, expulsa mais tarde os republicanos desta cidade. Entretanto, posteriormente, este bravo legalista é batido no combate de Santa Vitória por Joaquim Teixeira Nunes, Garibaldi e Mariano Aranha (14/12/1839). Lages volta então ao domínio dos farrapos, que lá permanecem até 1841.

República Catarinense.



Alguns piquetes de cavalarianos, tendo à frente o legendário Joaquim Teixeira Nunes, descem a serra de Vacaria e Lages e aproximam-se de Laguna.

Aqui, atacada pelas forças de Canabarro e Garibaldi, a frotilha imperial sucumbe, salvando-se apenas o "Corveta", que foge a dar aviso a João Carlos Pardal, presidente da Província Catarinense.

Neste combate naval, os farrapos perdem apenas um soldado, ao passo que morrem 17 legalistas.

Os lagunenses participam do júbilo dos farrapos e festejam o acontecimento com Te Deum e missas de ação de graças.

No dia 29/07/1839, Canabarro proclama a República Catarinense, livre e independente, formando um Estado Republicano Constitucional.

Nas eleições, conquistariam maior votação o Tenente-Coronel Joaquim Xavier das Neves e seu tio Pe. Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro, sacerdote austero, que assumiu provisoriamente a presidência da República, nomeando logo seus ministros e secretários: João Antônio de Oliveira Tavares (Fazenda, Interior e Justiça) e Antônio Claudino de Sousa Medeiros (Guerra, Marinha e Exterior). A sede do governo passava, por decreto a chamar-se "Cidade Juliana de Laguna".

Anita Garibaldi.

Garibaldi, perdidos os companheiros no naufrágio, parecia estar sozinho no mundo. Agora em Laguna, aproveitando a folga da guerra, pensa em mitigar a solidão.



Ana de Jesus Ribeiro, uma linda cabocla, de temperamento ardente, apesar de comprometida com Manuel Duarte de Aguiar pelo matrimônio, apesar da oposição dos pais, responde ao amor do farrapo destemido e aventureiro - o herói dos Dois Mundos - e com ele sai para a imortalidade.

Em sua viagem de núpcias, como esposa do comandante, cai no mundo dos seus sonhos. Acompanha gloriosamente o caudilho em todos os combates, empunhando a carabina, disparando o canhão, pilotando navios de guerra.

Nessa viagem, Garibaldi, enfrentando navios imperiais, na tentativa de conquistar Desterro, Capital de Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro, chega às proximidades de Santos, de onde é obrigado a retornar a Laguna. Anita, no combate de Marombas, cai prisioneira, mas consegue fugir. Atravessa o rio Canoas nadando, agarrada à crina do cavalo, e marcha para os Campos de Vacaria, onde reencontra Garibaldi, que julgava morto, tendo-o procurado entre os cadáveres dos soldados.

No final da campanha, quando Garibaldi, já não podendo enfrentar inimigos no mar, seu campo de luta predileto, quando Anita, morto seu legítimo marido, o sapateiro de Laguna, ansiava por regularizar sua união, os heróis dos Dois Mundos partem para Montevidéu, onde, na igreja de São Francisco, no dia 26/03/1842, legitimaram sua união.

A seguir, após outra campanha, ambos partem para a Itália. Lá em Módena, Anita morre jovem, no dia 04/08/1849. Anita e José Garibaldi tiveram filhos: Domingos Menotti nascido em São Luís de Mostardas, no RS, a 16/09/1840; Teresa, nascida em Montevidéu a 22/03/1845; Ricciotti, nascido em Montevidéu a 24/02/1847. Teresa, casada com Canzio, teve 17 filhos. Ricciotti teve dez. Todos os netos de Anita se distinguiram como generais, outros como engenheiros. Em, Sante, morreu no Campo de Concentração



nazista de Dachau. Itália visitou a América do Sul em 1930, e escreveu "Garibaldi na América". Josefina Ziluca esteve no Brasil em 1970.

Retirada de Laguna.

Enquanto Garibaldi, feito corsário, retornava da sua inclusão até a altura de Cananéia, sustentando combates, sendo o mais sangrento o do porto de Imbituba, no qual perdeu numerosos soldados, a situação dos republicanos se agravava em Laguna. Canabarro, violento, sempre insatisfeito diante de tantas dificuldades, não se entendia com homens do governo, notadamente com o Pe. Cordeiro.

O povo lagunense, que abraçara com aplausos a causa republicana, na esperança de encontrar nela a salvação para seus problemas, agora, decepcionado, revolta-se contra os farrapos.

Garibaldi, já de retorno a Laguna, recebe ordem severíssima de Canabarro para castigar duramente e saquear Imaruí, cuja população se havia sublevado contra a República. A soldadesca farrapa, embriagada ao extremo, cometeu ali os atos mais bárbaros praticados durante toda a campanha. Demos a palavra ao próprio Garibaldi.

"Nunca vi nada" - escreve na Minha Luta pela Liberdade - "mais lamentável, nem mais degradante para a espécie humana. Os desgostos e as fadigas que passei naquele dia nefasto para refrear um pouco a violência contra as pessoas, foram imensos. E se logrei algo, foi à força de sablaços, e sem me importar com a vida."

Mais adiante escreve Garibaldi: "Enfim, com ameaças e golpes, se conseguiu embarcar aquelas feras desenfreadas... Para dar uma idéia da classe de indivíduos sob minhas ordens naquela expedição, vou relatar o fato seguinte.



Um sargento, muito estimado pelos soldados, fora morto em Imaruí. Ordenei seu sepultamento; contudo, como os militares tinham outros serviços, com o pretexto de que aquele valente oficial merecia ser levado a Laguna para um funeral honroso, o cadáver foi embarcado.

Passando eu pelo convés do navio e vendo luz no lugar onde se reunia a maior parte daquela gente, aproximei-me e presenciei este espetáculo: O sargento que era alto e gordo, estava estendido no meio de um grupo de indivíduos cuja fisionomia de ébrios parecia a dos judeus que açoitaram Cristo. À luz de uma vela de sebo, posta sobre o gargalo de uma garrafa, que descansava sobre o ventre de um cadáver, pareciam demônios jogando cartas à disputa de almas. Ainda hoje se me representam aqueles saqueadores dos infelizes habitantes de Imaruí apostando sobre o ventre do cadáver de um companheiro o fruto de sua rapina".

Outro gesto de barbarismo praticado em Imaruí, e que Garibaldi não registra, foi o suplício e vexame que sofreu o Vigário, submetido à castração.

O General Francisco José de Sousa Soares de Andréa foi nomeado Presidente da Província de Santa Catarina, em substituição ao Brigadeiro João Carlos Pardal, que caíra no desagrado do governo imperial e da população catarinense. Andréa, futuro Barão de Caçapava, toma peito a expulsão dos republicanos. Enquanto dirige as operações por terra, sob o comando de Soares Pereira, a frota de Frederico Mariath, composta de 22 embarcações, investe contra o porto de Laguna.

O combate, "o mais mortífero e horrível que se podia imaginar" conforme escreveu Garibaldi, durou três horas. Às cinco da tarde do dia 15/11/1839, chegava ao fim a República Catarinense, também conhecida por "Juliana". Pereceram mais de cem farrapos, enquanto os legais tiveram 17 mortos e 38 feridos. Pereceram todos os oficiais da Marinha Farroupilha, com exceção de



Garibaldi. Canabarro deu ordem a Garibaldi para que incendiasse os barcos (Itaparica, Seival, Rio Pardo e Caçapava). No incêndio foram devorados os cadáveres dos heróis farroupilhas.

Dos restos do Seival, no local conhecido como Magalhães, no porto de Laguna, nasceu um dia uma figueira mais tarde transplantada, em tocante cerimônia cívica, na Praça da Matriz, onde hoje é venerada como a Árvore de Anita.

Os Grandes Combates.

Entre os muitos combates da Revolução Farroupilha, alguns merecem registro especial, por sua grandiosidade.

Em Rio Pardo, no dia 30/04/1838, os liberais alcançam a maior vitória de toda a sua longa campanha. Sousa Neto, Bento Manuel Ribeiro e David Canabarro, à frente de cerca de mil homens, derrotaram fragorosamente o marechal-de-campo Sebastião Barreto Pereira Pinto, que, por isso, foi submetido ao Conselho de Guerra pelo governo imperial. sendo mais tarde absolvido.

Neste combate os legalistas tiveram 370 mortos, perderam toda a sua infantaria, parte da cavalaria, 50 oficiais entre mortos, feridos e prisioneiros. Hoje, na estrada de Santa Cruz do Sul, uma cruz de grês recorda o grande feito farroupilha.

Em taquari (03/05/1840), fere-se o mais importante combate da Revolução Farroupilha pelo número de combatentes (cerca de dez mil), embora nada tenha decidido para ambas as partes.



As forças farroupilhas, sob o comando de Bento Gonçalves, dispunham de, aproximadamente, 5.000 homens, ao passo que os imperiais chefiados por Manuel Jorge Rodrigues, eram cerca de 4.600. Estes tiveram aqui 53 mortos e 125 feridos, enquanto os republicanos somaram 35 mortos e 114 feridos.

Em 16/07/1840, em São José do Norte, trava-se o mais nobre e sangrento combate dos legalistas, sob as ordens de Antônio de Paiva, que, embora ferido, luta até o fim.

Depois de oito dias de marcha, sob os rigores do mais cruel inverno chuvoso, 1.200 farrapos famintos e quase nus, sob o comando de Bento Gonçalves, Joaquim Teixeira Nunes, Garibaldi e Domingos Crescêncio de Carvalho, entram de surpresa na vila à uma hora da madrugada, quase sem resistência. Trepando uns sobre o ombro dos outros, transpõem os muros e invadem a vila, ocupando-se numa hora, sem disparar um tiro.

Infelizmente, sobrevém uma catástrofe ainda antes de clarear o dia: uma terrível explosão num dos quatro fortes, o Imperial, o mais importante, já em poder dos revolucionários, que pereceram no incêndio, horivelmente mutilados.

A seguir, outra catástrofe: os soldados, famintos e esfarrapados, não resistem à tentação do saque, comendo, bebendo, vestindo-se e inutilizando muitos fuzis na fúria desenfreada de arrombar as portas das casas comerciais.

Resultado: por volta das dez horas, quando dos navios imperiais saíam os defensores da vila, foi difícil desbaratar os farrapos, desarmados e embriagados, dispersos pelas ruas.

Foi uma chacina: 181 republicanos mortos e 150 feridos; enquanto os legalistas tiveram 72 mortos, 87 feridos e 84 prisioneiros.



"Este combate" - escreve Arthur Ferreira Filho - "marcou o ponto mais alto das virtudes militares do lado imperial durante toda a revolução. Nunca os legalistas se haviam portado tão bem. E foi, além disso, a consagração de um chefe. Soares de Paiva, ferido no início da ação, comandou a defesa até o fim, e, por seu heroísmo, a praça não se rendeu, conquistando o título de 'Muito Heróica', com que foi distinguida pelo governo imperial.

As ruas da vila ficaram juncadas de cadáveres. Em tempo algum, na longa Revolução Farroupilha, derramou-se tanto sangue numa área tão pequena. Ao cair da tarde Bento Gonçalves retirou-se.

De seu acampamento na planície desabrigava, escreve ao digno chefe adversário, informando-o de que se achava sem médico e desprovido de medicamentos para socorrer seus numerosos feridos. Em resposta, o Coronel Soares de Paiva manda um médico e metade dos medicamentos que possuía.

Bento Gonçalves, cuja grandeza d'alma acabava de encontrar um rival, como sua bravura já o havia encontrado horas antes, ao agradecer o gesto cavalheiresco do comandante da heróica vila, dá liberdade a todos os prisioneiros legalistas em seu poder.

Tipos admiráveis tinha o Rio Grande daquele tempo!" conclui o brilhante historiador, na sua monumental História Geral do Rio Grande do Sul.

Outro combate memorável, que aliás já os referimos aqui na página RECANTO DO GAÚCHO, foi o do Passo de Santa Vitória (14/12/1839), onde se chocaram violentamente as forças revolucionárias de Teixeira Nunes, Garibaldi e Mariano Aranha contra a Divisão da Serra, comandada pelo brigadeiro Francisco Xavier da Cunha.



Depois de um hora de luta, que juncou o terreno de cadáveres, os republicanos encurralam e legalistas no interior de um mangueirão, destinado outrora à contagem dos animais nesse Registro da Guarda de Santa Vitória. Terrível entrevero de "muitas centenas de homens" escreve Lindolfo Collor em Garibaldi e a Revolução Farroupilha. Mortíferas descargas de mosquetões à queima roupa. Tombam cavalos. Luta-se a pé, à faca, corpo a corpo. "O desvario da morte apodera-se daqueles homens, que parecem feras ensandecias pelo cheiro do sangue. Gritos terríveis cortam o ar, imprecações injúrias".

Xavier da Cunha "de sabre em punho, confundido com o soldadesca, trata de defender-se ao deus dará..." Ferido ele, o pânico toma conta da sua gente. Muitos debandam, saltando a taipa, correndo para o rio, tentando atravessá-lo a nado. "O chão está coberto de cadáveres e de homens feridos."

Do brigadeiro não se tem mais notícias. Garibaldi diz que ele desapareceu nas águas de Pelotas.

As Grandes Odisséias.

As principais campanhas do revolucionários pelo interior ocorriam na época invernos, quando os legalistas em geral se mantinham nas cidades, aguardando o bom tempo.

Verificavam-se então atos de extraordinária resistência, na luta contra as intempéries, os rios cheios, a mata impenetrável, a fome, o frio, deficiência de roupas, de abrigo contra as chuvaradas.

Em Santa Catarina, nas densas matas dos atuais municípios de Lages, Curitibanos, Correia Pinto e Anita Garibaldi, os soldados de Garibaldi passaram quatro dias sem outro alimento a não ser raízes de plantas.



Quando o Presidente da Província Soares de Andréa quis livrar-se de Bento Gonçalves, que havia três anos sitiava Porto Alegre, os revolucionários tentaram impedir as manobras do general francês Pedro Labatut, que descia de São Paulo por ordem do governo imperial.

Enquanto Bento Gonçalves seguia pelo litoral até Torres e daí galgava a serra dos Aparados, David Canabarro penetrava em Cima da Serra (São Francisco de Paula). Entre o rio Tainhas e o rio das Antas, um violento e prolongado temporal surpreendeu a força farrapa, que perdeu grande parte de sua cavalaria, artilharia e homens.

Mulheres e crianças seguiam com a coluna através do labirinto da selva alpestre e bruta, perecendo quase todas. Os soldados que não morreram de fome salvaram-se comendo carne de cavalo.

Menotti, de três meses, e sua mãe Anita salvaram-se graças aos esforços ingentes de Garibaldi e seus companheiros. Por fim, andando dia e noite, acompanhada por um bagageiro, Anita conseguiu sair da mata. No campo, cessadas as chuvas torrenciais, ele encontrou uns milicianos que enxugavam seus andrajos ao fogo. Vendo o menino morrendo, "fizeram-no voltar à vida, quando a pobre mãe já desesperava de salvá-lo".

Idêntica odisséia viveu Labatut nessa passagem infernal, ao bater em retirada, perseguido pelos farrapos. Ele também perdeu-se no emaranhado da selva do rio das Antas. Vencedor das batalhas napoleônicas, viu-se derrotado aqui sem combater. Abandonou a artilharia e grande parte de seus soldados, que, quase nus, desertaram aos magotes. Retirou-se para o Rio Pardo via Passo Fundo, sofrendo ainda perseguição dos indígenas Coroados no Mato Português e no Mato Catelhano. Seguiu depois pela estrada do Botucaraí (Soledade).



Declínio da República.

A Assembléia Constituinte, que deveria se instalar em 30/04/1840, na vila de Caçapava, segunda capital revolucionária, só pôde realizar-se na terceira capital, Alegrete, em novembro de 1842. Em 08/02/1843, apareceu o notável projeto da Constituição.

Poucos meses após a partida de Garibaldi para Montevidéu, Bento Gonçalves, acompanhado de Domingos de Almeida, dirigiu-se em missão secreta para o Uruguai a fim de encontrar-se com Frutuoso Rivera no povoado de São Frutuoso. O caudilho uruguaio, em guerra contra Rosas, precisava mais uma vez da ajuda rio-grandense.

Rivera apresentou então um projeto audacioso e sensacional: a organização de uma nova confederação formada pelo Uruguai, Rio Grande do Sul, Corrientes e Entre-Rios e, possivelmente, Paraguai. Para tanto contavam, além do apoio naval de Garibaldi, com a colaboração de países estrangeiros. Em fins de 1842, reuniu-se em Paissandu a conferência para o lançamento das bases da nova potência sul-americana. Além de Rivera e Bento Gonçalves, compareceram os governadores das províncias argentinas de Corrientes e Santa Fé, mais o comandante do exército correntino. Este, General José Maria Paz, exposto o plano, desconfiou de alguma próxima traição de Rivera e discordou. A conferência encerrou-se com o clássico banquete diplomático.

Entre os líderes da Revolução recrudescia o espírito de divergência. Enquanto Canabarro crescia na estima, Bento Gonçalves perdia a confiança dos republicanos. Foi quando um trágico acontecimento veio aumentar ainda mais a animosidade.



Em Alegrete fora assassinado o Vice-Presidente da República, Antônio Paulo da Fontoura, e os inimigos de Bento Gonçalves o indigitaram como mandante do crime. Ele, sabendo da situação, não hesitou. Renunciou à presidência em favor de José Gomes de Vasconcelos Jardim, enquanto três dias depois Antônio Neto entregava a Canabarro a chefia do exército.

Um dos acusadores de ser o general o autor do crime foi Onofre Pires, que altercando vociferava: "Ladrão da fortuna, ladrão da vida, ladrão da honra e ladrão da liberdade é o brado ingente que contra vós levanta a nação rio-grandense, ao qual já sabeis que junto a minha convicção..."

No mesmo dia, nas margens do Sarandi, sem testemunhas, ambos duelaram, saindo Onofre ferido e vindo a falecer quatro dias depois. O General Bento Gonçalves já aos 13 anos, havia matado em duelo um preto que o provocara. Agora, ele se apresenta ao General Canabarro para entregar a sua espada. Era o declínio da Revolução.

Luís Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias, agora na presidência da Província, havia já assumido o comando das operações bélicas contra os rebeldes. Muito hábil, ele atrai logo para os hostes imperiais o valoroso militar Bento Manuel Ribeiro.

O Combate dos Porongos.

Fulminante os movimentos de Caxias. Ontem estava em São Gabriel. Hoje surge às margens do rio Santa Maria, no Passo de São Borja. Persegue e desaloja os revolucionários da coxilha de Santana, de São Diogo, Quaraí, empurrando os rebeldes para além da fronteira. Marcha depois sobre Livramento, expulsando dois mil e quinhentos rebeldes.



Mas os valentes farrapos, em dado momento, aparecem em São Gabriel, sob o comando do Tenente-Coronel Manuel de Carvalho Aragão e Silva. Aprisionam o comandante da praça, matam e ferem cerca de cem homens, apoderam-se de 1.500 reses, cavalos, armamentos, munições. Daqui cercam, no acampamento da Trilha, três batalhões da Segunda Brigada de Infantaria, comandada por Arruda Câmara.

Caxias acode e levanta o cerco. Os republicanos, conhecedores do terreno, movimentam-se com rapidez espantosa. Em Ponche-Verde atacam Bento Manuel e o terrível Moringue, Francisco Pedro de Abreu. Lá estão Bento Gonçalves, Antônio Neto, Canabarro e João Antônio. Luta encarniçada. Embora ferido, Bento Manuel porta-se renhidamente. São muitos os mortos de ambos os lados.

Terrível o inverno de 1844! Castigava duramente o carioca Caxias. O Império encontrava-se a dois passos da guerra contra o ditador Rosas, de Buenos Aires. A Revolução marchava para o seu desfecho. Os farrapos, maltrapilhos, caminhavam de desastre em desastre. Os governantes erravam pelas estradas, de acampamento em acampamento.

Impunha-se colocar um ponto final. Francisco Martins viaja a São Paulo e Rio de Janeiro. Relata a Teófilo Otoni o drama do Sul. Os rio-grandenses - diz o grande mineiro - já cumpriram o seu dever, dando tão brilhantes exemplos durante nove anos.

Caxias confabula com Bento Gonçalves. Canabarro ainda insiste, mas quando lhe chega o conselho de Otoni, capitula ele também.

Mas as operações militares prosseguem. Em Porongos, interior de Dom Pedrito, Amaro da Silveira estivera no acampamento de Chico Pedro, com o fim de fazer permuta de prisioneiros. Canabarro manda-lhe um recado xistoso: que o Moringue o fosse tirar daquele sítio, porque os cavalos



estavam numa magreza incrível. Chico Pedro responde que evitaria novos derramamentos de sangue. Canabarro foi na conversa e não cuidou de defender-se de possível ataque.

Alta madrugada. Noite de lua nova. O acampamento farrapo dorme sossegadamente. Piquetes legalistas, freios e espadas amarrados, para não tinir, proibido fumar, marcham. Três léguas de marcha silenciosa...

Súbito no acampamento republicano, um delirante e surpreendente som de clarim: É o Moringue! É o Moringue - gritam.

Indescritível a confusão no acampamento. A primeira alternativa é a fuga. Mas lá está a barreira de Chico Pedro. Luta-se corpo a corpo. Um contra vinte. Ouve-se tinido de ferro contra ferro. Tombam brigando os heróicos farrapos. Mais de cem mortos. Trinta e três prisioneiros, incluindo 35 oficiais e o Ministro da Fazenda da República. Perdidos mais de dois mil cartuchos, mais de mil cavalos, o arquivo completo de Canabarro.

Luta-se depois durante três meses ainda. Guerrilhas, desesperadas. Teixeira Nunes sucumbe no combate de Canudos, lutando contra a coluna do terrível Fidélis Pais, braço direito do Moringue.

A Paz de Ponche Verde.

Diante desta vergonhosa derrota, em pleno período de armistício, poderia fazer supor que os republicanos assinariam o tratado de paz vencidos, como a pedir misericórdia. Nunca! Nenhum farrapo assinará tratado de paz desonrosa! Antes haveriam de derramar a última gota de seu sangue. Deles escreveu Garibaldi: "Eu vi corpos de tropas mais numerosas, batalhas mais disputadas, mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, nem



cavaleiros mais brilhantes que os da bela cavalaria rio-grandense, em cujas fileiras aprendi a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das nações."

Canabarro declara então ao futuro Duque de Caxias que, neste caso, os farroupilhas rasgavam negociações de paz e iriam ajustar contas em campo raso, até que houvesse sangue nas veias do último republicano.

Diante de tão contundente declaração, nada se poderia exigir. Entretanto, Caxias torna conhecimento de outro fato ainda mais eloqüente e decisivo.

Acontece que um perigo externo ameaçava o Sul do Brasil. O ditador argentino Rosas, que sonhava com a restauração territorial do antigo vice-reino do Prata, estava interessado no prolongamento da revolução, que provocaria na separação da Província.

Neste sentido, enviou emissários a Canabarro, pedindo aliança e oferecendo forças para combater o Império. A resposta de Canabarro passou para a história como a mais patriótica declaração de brasilidade da Revolução Farroupilha:

"Senhor" - respondeu o farrapo - "o primeiro de vossos soldados que transpuser a fronteira, fornecerá o sangue com que assinaremos a paz com os imperiais. Acima de nosso amor à República está o nosso brio de brasileiros. Quisemos ontem a separação de nossa pátria; hoje, almejamos a sua integridade. Vossos homens, se ousarem invadir nosso país, encontrarão, ombro a ombro, os republicanos de Piratini e os monarquistas do Sr. Dom Pedro II."

Não foi preciso mais nada! Caxias e Canabarro entenderam-se. Foram enviados emissários à Corte, sendo os farrapos representados por Antônio Vicente Fontoura, que se havia incompatibilizado com Bento Gonçalves. Por



este motivo, exclusivamente, Bento Gonçalves e Vasconcelos Jardim deixaram de assinar o documento de paz, firmado no dia 25/02/1845.

No dia 28, de seu acampamento nos campos de Poncho Verde, Canabarro proclama aos republicanos a conclusão da paz honrosa, de pleno e integral acordo com a vontade dos heróis que, durante um decênio, com sacrifício inauditos, em atos de bravura sem igual, escreveram uma das mais eloqüentes epopéias de toda a história da humanidade, "a mais importante das guerras civis sul-americanas pela sua longa duração, pela beleza de seu ideais e pelo valor de seus campeões" (Ferreira Filho).

A Revolução de 35, alcançava pois, vitoriosamente, gloriosamente, seus patrióticos objetivos, lançando ao solo brasileiro a semente do ideal republicano e federativo, semente que, fecundada com seu sangue generoso, frutificou esplendorosamente.

As condições da pacificação, basicamente, foram estas: aos republicanos cabe a indicação do presidente da Província; a dívida pública revolucionária será paga pelo governo imperial; incorporação no Exército Brasileiro dos oficiais republicanos, com exceção dos generais; liberdade a todos os presos revolucionários; validade para as causas civis, licenças e dispensas eclesiásticas; garantia de segurança individual e de propriedade; isenção de recrutamento militar para os soldados da República; anistia ampla para oficiais do Exército Brasileiro que tivesse lutado na fileiras republicanas.

Dois anos após a assinatura da paz, falecia em Pedras Brancas (Hoje Guaíba) o General Bento Gonçalves da Silva, "o maior rio-grandense do passado, herói autêntico, figura de romance, encarnação das melhores virtudes da nossa raça. Personagem sem contrastes, brilhou como o sol entre as luminárias de uma época em que o Rio Grande se notabilizou pela superioridade de seus filhos" (Ferreira Filho).



LENÇO FARROPILHA





BIBLIOGRAFIA

Fonte: Cartilha da História do Rio Grande do Sul
Antônio Augusto Fagundes - Martins Livreiro Editor (2ª Edição)
Porto Alegre - 1994 (Págs. 74 até 76)

Fonte: História do Rio Grande do Sul
Fidélis Dalcin Barbosa - Edições EST (4ª Edição)
Porto Alegre - 1995 (Págs. 64 até 82)